

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

“Valeu, meninas. E agora?”: Futebol de mulheres na Revista Placar (1995 a 1999)

Letícia Amarante Akutagawa

Campinas
2023

Letícia Amarante Akutagawa

“Valeu, meninas. E agora?": Futebol de mulheres na Revista Placar (1995 a 1999)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Graduação da Faculdade de Educação Física da
Universidade Estadual de Campinas para obtenção
do título de Bacharela em Educação Física

Orientador: Sérgio Settani Giglio

Campinas
2023

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Andréia da Silva Manzato - CRB 8/7292

Akutagawa, Letícia Amarante, 1998-
Ak87v "Valeu, meninas. E agora?" : Futebol de mulheres na Revista Placar (1995 a 1999) / Letícia Amarante Akutagawa. – Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Sérgio Settani Giglio.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Futebol feminino. 2. Estereótipos. 3. Revista Placar. 4. Editorial. 5. Mídia (Publicidade). I. Giglio, Sérgio Settani. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: "Valeu, meninas. E agora?": Women's soccer in Placar magazine (1995 to 1999)

Titulação: Bacharel

Data de entrega do trabalho definitivo: 06-07-2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a minha família que esteve ao meu lado em todas as minhas decisões e depois de tantos momentos difíceis juntos, podemos desfrutar de pequenas vitórias como essa. Agradeço, principalmente, meus pais, Waine e Andréia, por serem professores que me inspiraram a seguir esse caminho, amo vocês.

À segunda família, a que eu escolhi para dividir a vida, a República Breja-Flor. Agradeço por todos os momentos juntas e por todas as fofocas na cozinha e especialmente, agradeço às minhas amigas desde o primeiro semestre de graduação, Thais, Catharina e Lelex, que me acompanharam e me apoiaram em todos os momentos até o meu último semestre. Amo vocês, meninas.

E por último, agradeço as pessoas que o esporte me presenteou.

Ao Serginho, meu orientador, que me apoiou e aconselhou em todas as etapas da minha trajetória acadêmica, na extensão, no grupo de estudos, no PAD, intercâmbio e agora, neste trabalho. Obrigada, professor, pelo acolhimento em todos esses momentos e por estar sempre aberto às minhas ideias, mesmo com as lições de casa para seus filhos.

E a todas as mulheres que conheci por meio do esporte, em especial o futebol e futsal. Todas as atletas, técnicas, professoras e gestoras, saibam que vocês me inspiram dentro e fora de quadra. Em especial, a PG e a Gi Morandim, que me mostraram que as mulheres também ocupam a beira da quadra universitária.

E não deixaria de agradecer aos times que faço parte e que me ensinam, todos os dias, a construir um outro futebol como espaço de expressão e acolhimento, cheio de afetividade. À CBF School, meu IAIG, Pogonas FTC e a LAU, muito obrigada.

RESUMO

Ao longo da história, as mulheres foram representadas de acordo com seus corpos e suas genitálias. No Brasil do século XX, a fim de respeitar suas funções biológicas e reprodutivas, foram proibidas por lei em 1941 e em 1965 de praticarem esportes de contato e de luta, entre eles o futebol. Com a deliberação da lei em 1979, continuaram a sofrer, dentro e fora de campo, com representações heteronormativas de seus corpos. Dentro de campo, não podiam se assemelhar fisicamente ao corpo masculino, tendo que provar sua “feminilidade” através de adereços e comportamentos. Já fora de campo, a mídia esportiva reproduzia realidades e corpos estereotipados a fim de reforçar a normativa do gênero feminino. Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo analisar quais foram as representações construídas sobre o futebol praticado por mulheres na revista *Placar* no editorial *Futebol, Sexo e Rock and Roll* entre abril de 1995 e fevereiro de 1999.

Palavras-chaves: Futebol Feminino; Revista Placar; Futebol, Sexo e Rock and Roll; mídia.

SUMÁRIO

Índice de figuras.....	6
Índice de Tabelas.....	6
Introdução.....	7
Método.....	10
Capítulo 1 - O Futebol praticado por Mulheres e seus inícios.....	15
1.1 Do início da partida ao cartão amarelo.....	15
1.2 Do cartão amarelo ao cartão vermelho.....	21
1.3 (Re)início do Jogo.....	23
Capítulo 2 - Revista Placar: da criação ao Editorial.....	29
2.1 - Revista Placar e o Editorial “Futebol, Sexo, Rock & Roll”.....	29
2.2 Modernidade e Entretenimento para quem?.....	37
Capítulo 3 - A relação entre o futebol de mulheres e a Placar.....	43
3.1 “O futebol enGatinha”.....	50
3.2 “Gostosa novidade: times femininos”.....	68
3.3 “Histórias de homossexualismo no futebol feminino”.....	81
Considerações Finais.....	87
Referências.....	89
Fontes.....	94

Índice de figuras

Figura 1 - Capa da Revista Placar, nº 738 (1984)	35
Figura 2 - Gráfico de porcentagem com número de reportagens em cada seção da Placar	48
Figura 3 – Gráfico de assuntos predominantes na representação do futebol de mulheres na Revista Placar	49
Figura 4 - Capa da Revista Placar, edição 1105 (1995)	51
Figura 5 - Modelos representando jogadoras com uniformes curtos e poses sensuais	52
Figura 6 - Reportagem da Copa do Mundo 1991 (esquerda) e quadro comparativo entre homens e mulheres (direita)	53
Figura 7 - Reportagem sobre o time Piranhas	54
Figura 8 - Reportagem sobre Susana Werner, Fernanda Chuquer, Priscila Ribeiro e Amanda Carreiro	58
Figura 9 - Reportagem sobre Cléo Brandão	59
Figura 10 - Reportagem sobre Paulistanas	60
Figura 11 - Carta de um leitor sobre o Campeonato Sul-Americano de 1998	63
Figura 12 - Carta de um leitor sobre o São Paulo, campeão do Paulistanas	64
Figura 13 - Seção "Deusa" de Bel, Duda, Susana e Ticiane, respectivamente.	70
Figura 14 - Reportagem sobre Michael Jackson, Mariléia dos Santos.	72
Figura 15 - Reportagens sobre Susana, Milene e Claudia e Alessandra, respectivamente.	73
Figura 16 - Reportagem sobre o Limelight Soccer Models	75
Figura 17 - Reportagem sobre time de modelo	76
Figura 18 - Carta de leitora sobre seu sonho de jogar no time de São Paulo	77
Figura 19 - Carta de um leitor sobre o futebol feminino	77
Figura 20 - Reportagem sobre os Jogos Olímpicos de 1996	84
Figura 21 - Quadro sobre curiosidades lésbicas ao longo da história do futebol feminino	85

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Quantidade de reportagens em relação ao ano de publicação e a dimensão da Revista	47
---	----

Introdução

“O futebol feminino é um produto de baixa qualidade enfiado goela abaixo da população em falsas equivalências de transmissões em horário nobre e cobertura” foi a fala de um colunista de futebol¹ após uma partida de futebol de mulheres.

Engana-se pensar que isto foi escrito na década de 1930 ou 1940, época em que os homens, considerados especialistas em futebol e saúde feminina, se incomodavam com a presença de mulheres dentro de campo e decidiram, junto ao Estado Novo, proibir, por lei, o futebol feminino. O comentário foi após o jogo entre Flamengo e Santos, válido pelas quartas de final do Brasileirão A1, com cobertura da Globo em TV aberta² no dia 18/06/2023.

Atualmente, o futebol de mulheres encontra-se mais estruturado do que na década de 1940, com meninas e mulheres praticando o esporte de forma mais planejada e livre, de preconceitos e restrições. As mulheres ocupam, lentamente, outras posições de poder dentro do futebol, e são, agora, técnicas, auxiliares, árbitras, gestoras esportivas, narradoras e jornalistas.

Entretanto, uma face do futebol aparenta não ser alterada durante todos esses anos: a mídia esportiva, feita por homens, que julgam o futebol como um não-lugar a ser ocupado pelas mulheres.

Na década de 1930 e 1940, diversos foram os homens “especialistas” em futebol feminino, que ocuparam os veículos de imprensa para ditar se as mulheres poderiam jogar ou não, devido a uma preocupação higienista com as funções reprodutivas de seus corpos (DE ALMEIDA; DE ALMEIDA, 2020). A preocupação não era apenas pela parte biológica, mas também pelo papel social que era esperado das mulheres.

Aos poucos, as mulheres foram adentrando os campos de futebol e em 1940, times femininos, como Cossino Realengo e S. C. Brasileiro,

¹ Vinicius Paiva, economista e ex-colunista do Globo Esporte, em sua rede social no dia 18/06/2023. Disponível em: <https://twitter.com/vpaiva_btj/status/1670627111600545794>. Acesso em 21/06/2023.

² Dados retirado da notícia, publicada em 16/06/2023, no site da Rede Globo. Disponível em: <<https://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/brasileirao-feminino-estreia-na-tv-globo-neste-domingo-com-tres-jogos-das-quartas-de-final.ghtml>>. Acesso em 21/06/2023.

disputavam campeonatos femininos, realizados nas preliminares de jogos masculinos (LIMA; PINHEIRO, 2018). Tamanha foi a preocupação dos homens especialistas, principalmente porque, na época, algumas jogadoras mulheres estariam recebendo dinheiro de seus clubes para praticarem futebol (BONFIM, 2019).

Como as mulheres poderiam jogar futebol, disputar campeonatos, e pasmem, receber por isso?

Diante desse cenário, em 1941, o Estado Novo de Getúlio Vargas, se decretou o Decreto-Lei nº 3.199, em que “não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país (BRASIL, 1941)” e para deixar claro que os “desportos incompatíveis” se tratava do futebol e do futebol de salão, em 1965, com a Deliberação nº7 o Conselho Nacional de Desportos, decreta que “não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball (CASTELLANI FILHO, 2013, p. 48-49)”

Foram quase quarenta anos proibidas, por lei, de praticarem futebol ou futsal e apesar de encontrarem brechas para ocuparem este lugar, a modalidade que estava em um caminho de profissionalização, teve seu reinício legal só em 1981, com a Deliberação nº1/81 em que “as mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação (CASTELLANI FILHO, 2013, p. 50).”

A década de 1980 e 1990 foi marcada, então, por diversos reinícios para as mulheres. Os movimentos feministas sindicais possibilitaram a entrada, fora de campo, das mulheres no mercado de trabalho (GOELLNER; KESSLER, 2018) e dentro de campo, times femininos criados como o Esporte Clube Radar (DE ALMEIDA; DE ALMEIDA, 2020) e o SAAD (SAAD, 2022) participavam em competições nacionais, como a Taça Brasil, Campeonato Carioca e Paulistanas.

A Seleção Brasileira Feminina também teve grandes inícios na década de 1990, com a estreia na Copa do Mundo em 1991 e em seguida, 1995, as conquistas do Sul-Americano em 1995 e 1998 e o memorável quarto lugar nos Jogos Olímpicos de 1996.

Diante de tantas conquistas para o futebol de mulheres nesta época, não foi esta a história considerada como noticiabilidade para os periódicos (LEAL, 2020). Nos veículos de imprensa, os homens não poderiam mais proibir as mulheres de praticarem, então limitaram a representação desta modalidade de acordo com seus interesses.

Interesse, inicialmente, em não considerar o futebol de mulheres igual ao futebol masculino, seja pela comparação entre os corpos praticantes ou as conquistas dentro de campo. E interesse em representá-lo de maneira atrativa para ser vendido e consumido por um jovem público de homens, através da erotização dos corpos de mulheres (SALVINI; MARCHI JUNIOR, 2016).

“Valeu, meninas. E agora?” é o título de uma reportagem sobre a Seleção Feminina na *Revista Placar* em 1996, que também se torna o título desta pesquisa. O título da reportagem representa agradecimento referente ao quarto lugar nos Jogos Olímpicos de 1996 e essa conquista, para a época, tem o sabor da medalha de ouro, uma vez que as mulheres foram proibidas de praticarem o futebol por mais de 40 anos e tiveram um freamento nocivo na modalidade. Para além disso, a existência da pergunta na Revista deixa evidente que a continuidade do futebol de mulheres não seria uma resposta para a modalidade, uma vez que não tiveram resultados esperados nas competições como o masculino.

Um dos veículos de imprensa, de grande importância no meio futebolístico, a *Revista Placar* usou deste discurso do futebol de mulheres como fracasso e atração heteronormativa na década de 1990. A revista foi criada em 1970 para se tornar a primeira especializada em futebol, sofreu ao

longo do tempo, mudanças de periodicidade, tamanho, público alvo e principalmente, de noticiabilidade (LEAL; MESQUITA, 2021).

Uma das mudanças mais marcantes foi em 1995 com um novo slogan, *Futebol, Sexo e Rock and Roll* que procurou acompanhar as características do novo futebol moderno, tema de interesse de seu público alvo da época, mas também como uma forma de superar a crise financeira que a revista se encontrava desde 1989 (LEAL; MESQUITA, 2021).

Diante do crescimento notório do futebol de mulheres na década de 1990 e a lógica de interesses das mídias esportivas na época, o objetivo desta pesquisa se dá pela análise, por um método histórico social, da representação do futebol de mulheres que a *Revista Placar* realizou durante seu editorial *Futebol, Sexo e Rock and Roll*, entre abril de 1995 a fevereiro de 1999.

Método

Esta pesquisa leva como fonte única a *Revista Placar*, de abril de 1995 a fevereiro de 1999, contando com um número total de 47 exemplares no editorial “*Futebol, Sexo e Rock and Roll*” à base de um método histórico social, sem levar em conta as edições especiais e contando com número 16 de exemplares e 19 notícias sobre o Futebol Feminino (alguns exemplares continham mais de uma notícia).

A análise foi feita de maneira dupla, de forma física com os exemplares impressos e de forma online, com os exemplares digitalizados. A análise do material físico foi imprescindível para a percepção de importantes aspectos para esta pesquisa, como as dimensões da revista ao longo do editorial e a observação real e fiel das ilustrações e fotografias, além do contato com todos os exemplares do editorial, diferente do material online que não contempla todas as revistas.

Mas por que uma revista como fonte? E por que escolher a *Placar*?

No fim do século XIX, especificamente final dos anos 1970 e início dos 1980, um “novo tipo de história” surge com “novos problemas e abordagens” (DE LUCA, 2005). Se antes os objetos de estudo se pautavam na política e economia, agora abrangem “[...] as atitudes perante a vida e a morte, os rituais e as crenças, as estruturas de parentesco, as formas de sociabilidade, os modos de funcionamento escolares” (CHARTIER, 1991, p.174) e para analisar novos problemas, se estabeleceram novos métodos e abordagens científicas:

Sobre esses objetos novos (ou reencontrados) podiam ser postos à prova modos de tratamento inéditos, tomados de empréstimo às disciplinas vizinhas: tais como as técnicas de análise linguística e semântica, os instrumentos estatísticos da sociologia ou certos modelos da antropologia. (CHARTIER, 1991, p.174).

Para De Luca (2005), nos anos 1970, a imprensa tornou-se objeto de estudo da pesquisa histórica com a justificativa de que estes meios de comunicação, como os jornais e revistas, são instrumentos de manipulação de interesse e de intervenção na vida social. Para a autora, não são veículos de

informação neutros e imparciais, porque a imprensa pode recortar fatos desta realidade que vai chegar para o público:

[...] a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa. (DE LUCA, 2005, p.139)

Além disso, a autora considera a revista uma leitura fácil e agradável de ser feita, com amplo espaço de imagens que facilita o acesso à informação para pessoas analfabetas. As imagens presentes em revistas são outra forma de linguagem de reproduzir fatos da realidade que à imprensa quer que chegue para o público, uma vez que as fotos são selecionadas e estruturadas pela imprensa conforme Le Goff citado por Mauad (2016, p.46):

No primeiro caso, considera-se a fotografia a marca da materialidade passada, que nos informa sobre determinados aspectos desse passado, como condições de vida, moda, infraestrutura urbana ou rural, condições de trabalho, etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Como documento e monumento, a fotografia informa e também conforma visões de mundo.

A revista *Placar*, por esse motivo, se torna o objeto de estudo desta pesquisa por selecionar, estruturar e narrar com textos e imagens, o futebol praticado por mulheres nos anos 1990 e reproduzir fatos desta realidade da modalidade para seus leitores. Ademais, a notoriedade da *Revista Placar* contribui para a sua importância como fonte por se tratar da revista especializada em esportes mais antiga do Brasil (SALDANHA; GOELLNER, 2013) e por até hoje ser um meio de comunicação voltado para o mundo do futebol, agora em novos formatos tecnológicos com versões digitais e Redes Sociais, como o Instagram, que se encontra com uma conta de 179 mil seguidores, mais de 5 mil postagens. (PLACAR, 2023) e 2.537.000 leitores

ativos em todas as plataformas (MESQUITA; LEAL, 2021). Dados que mostram a importância da Revista na imprensa esportiva mesmo após tantos anos, com a mudança para o mundo digital.

Diante da virada historiográfica dos anos 1970, além das revistas, o futebol também se torna um novo objeto de estudo da História através da análise de suas práticas e representações sociais. Para Silva (2010), falar sobre a história social do futebol é redundante, uma vez que este esporte figuraria como “lugar” privilegiado de observação da sociedade.

Esta pesquisa usará deste lugar “privilegiado” de observação, o futebol, para analisar historicamente as representações midiáticas que a *Revista Placar* reproduziu sobre a modalidade praticada por mulheres nos anos entre abril de 1995 a fevereiro de 1999.

Entretanto, para Bloch (2001, p.69) esta análise histórica nunca será de maneira completa, já que o conhecimento do passado seria necessariamente indireto segundo testemunhas e não diretamente aos fatos: “O historiador, por definição, está na impossibilidade de ele próprio constatar os fatos que estuda. Nenhum egptólogo viu Ramsés; nenhum especialista das guerras napoleônicas ouviu o canhão de Austerlitz.”

Portanto na história social, para o autor, devemos interrogar e confrontar nossas fontes históricas como verdade absoluta assim como defende também Mauad (2016). Para ela, toda fonte histórica é resultado da construção histórica de sua função social, da época e da sua trajetória histórica cultural e, portanto, deve ser problematizada quando se trata de uma representação do passado.

Para esta análise crítica da fonte *Placar*, será utilizado o conceito de gênero de Scott (1995, p.86), “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos [...] uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Uma vez que é importante que a história do esporte, contada sob a perspectiva dos homens (PISANI, 2022), seja analisada por um outro olhar, aqui, pelos estudos de gênero.

No futebol tratado pela *Placar*, nota-se esta diferença de representação do futebol masculino e no praticado por mulheres. O futebol de

mulheres sofreu, em diferentes épocas e contextos sociais, com discursos higienistas, machistas, heteronormativos sobre seus corpos e a imprensa ajudou a disseminar informações desconexas que questionavam o papel da mulher na sociedade em relação à sua fertilidade e saúde (MESQUITA; LEAL, 2021).

Portanto, ao nos depararmos com a *Revista Placar* como fonte, devemos levar em conta sua função social da época e sua trajetória histórica como forma de imprensa do ambiente esportivo para leitores, majoritariamente, jovens do sexo masculino (LEAL; MESQUITA, 2021). Para esta análise crítica da fonte Placar, será utilizado o conceito de interseccionalidade de Crenshaw (2002, p.177):

[...] conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classe e outras.

É importante que a história do esporte, contada sob a perspectiva dos homens (PISANI, 2022), seja analisada por um outro olhar, aqui, pelos estudos de gênero, raça e sexualidade. O termo interseccionalidade permite analisar diferentes fatores relacionados a identidade social de um grupo que se tornam sistemas de discriminação e opressão, como “a classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual (CRENSHAW, 2002, p.173)”.

Além disso, devemos analisar, também pautada nas relações de poder de gênero de Scott (1995), como se deu a forma de representação da realidade do futebol praticado por mulheres e questionar as notícias, informações e imagens sobre a modalidade.

Representação esta que não contará a história completa do futebol de mulheres, uma vez que, pautada nas ideias de Mauad (2016), representará a história construída por uma perspectiva sociocultural da *Placar*. Levando em conta as ideias de Joan Scott (1995), a reprodução midiática da modalidade, na década de 1990, não é socialmente unânime, dependerá da rejeição ou repressão das outras possibilidades de imagem da época, portanto a análise

também se dará pelo o que foi rejeitado ou reprimido na representação do futebol de mulheres pela *Placar*.

A história posterior é escrita como se essas posições normativas fossem o produto do consenso social e não do conflito. Um exemplo desse tipo de história é dado por aqueles que tratam a ideologia vitoriana da domesticidade como se ela tivesse sido criada em bloco, e tivesse sido contestada apenas depois disso, invés de ser o objeto constante de grandes diferenças de opinião. (SCOTT, 1995, p.87)

Sendo assim, a finalidade desta pesquisa é analisar criticamente, por uma perspectiva intersseccional, a representação do futebol praticado por mulheres, de 1995 a 1999, período de grande visibilidade e desenvolvimento da modalidade após revogação da Deliberação nº7, através da realidade criada pela *Revista Placar* por meio de seus conteúdos dos 47 exemplares do editorial *Futebol, Sexo e Rock and Roll*.

Será analisada, historicamente, por meio de reproduções das imagens de jogadoras brasileiras, da Seleção Feminina e de outros 14 times nacionais do Brasil. Não será levado em conta, nesta pesquisa, as representações de outras personagens femininas relacionadas com o futebol como modelos, esposas de jogadores, juízas, repórteres, entre outras, e nem de representações de times e seleções de outros países ou de outras modalidades, como o futevôlei e o futebol de salão.

Capítulo 1 - O Futebol praticado por Mulheres e seus inícios

Para compreender o período analisado, este capítulo tem como foco a história do futebol praticado por mulheres no Brasil no período anterior e correspondente ao recorte histórico deste trabalho, e será dividido em três itens: o primeiro sobre a inserção do futebol feminino no país até o ano de sua proibição (1914-1941); o segundo sobre a proibição devido ao Decreto-Lei nº 3.199 em 1941 e à Deliberação nº 07/65 em 1965, bem como a resistência das mulheres diante das Leis e, por último, a Revogação do Decreto-Lei em 1980 e a conjuntura da modalidade desse período até a década de 1990.

1.1 Do início da partida ao cartão amarelo

A presença de mulheres em partidas de futebol no Brasil sempre esteve carimbada antes mesmo de estarem dentro das quatro linhas. Na arquibancada dos estádios, meninas e mulheres iam prestigiar e torcer pelos seus pais, irmãos, namorados e maridos. Podemos observar que a participação feminina acompanha a história do futebol masculino nesses primeiros anos e, por se tratar de uma modalidade da elite, as mulheres presentes correspondiam a esta classe social. Com a popularização da modalidade masculina e com a presença de homens de classes sociais mais baixas nos jogos esportivos, outras mulheres começaram a ter contato com o futebol (FRANZINI, 2005).

Não demorou muito para que as mulheres ocupassem os lugares dentro de campo. As primeiras partidas foram registradas pela Revista *Careta* em 1913 no velódromo de São Paulo e pela Revista *A Época* em 1915, uma festa esportiva no Villa Izabel Football Club, no Rio de Janeiro. No início, a modalidade tinha um carácter menos competitivo e mais recreativo, com forte ligação às elites brasileiras (DE ALMEIDA; DE ALMEIDA, 2020).

Pautada no conceito de “mulher moderna”, ativa, independente e autônoma vindo dos Estados Unidos e Europa, a elite brasileira buscou se aventurar nos esportes. Além do futebol, as mulheres também praticavam outras modalidades que estavam em ascensão na época, como o remo, a esgrima, hipismo, tiro ao alvo, atletismo e críquete (BONFIM, 2019)

O esporte também representava uma ideia de modernidade para o Brasil e que de certa forma, ampliava a participação feminina em certos lugares sociais e trazia novas características para esta “mulher moderna”: “ágil, companheira, responsável, capaz de enfrentar os desafios dos novos tempos” (GOELLNER, 2003, p.16). Com isso, se mostrou mais efetiva a presença de mulheres em locais destinados a práticas esportivas como clubes federativos, agremiações, campeonatos e federações (GOELLNER, 2003; ADELMAN, 2003).

Nas primeiras décadas do século XX, a modalidade entrou em potencial com a saída das arquibancadas para a entrada nos campos. As partidas esportivas de times e clubes brasileiros impulsionaram a iniciação esportiva das mulheres no futebol e a década de 1920 é marcada pela realização de jogos mistas entre mulheres e homens, como entre “moças e rapazes no campo do Progresso FC em 1919” e entre um “time de meninas do CR Flamengo contra um time infantil masculino no estádio de Laranjeiras” (BONFIM, 2019, p.72).

Outro marco importante para a década de 1920 são os primeiros times femininos em clubes de futebol masculino, como o Vasco da Gama, e campeonatos realizados pelo Brasil além do eixo Rio-São Paulo - o Torneio na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, registrado pela Revista *Vida Sportiva* do Rio de Janeiro em 1920 (DE ALMEIDA; DE ALMEIDA, 2020).

Já em 1930, enquanto acontecia o debate sobre a profissionalização dos atletas do futebol masculino, o futebol praticado por mulheres se popularizou na periferia com a criação de times no Rio de Janeiro, como o Cruzeiro F. C. e o Cassino F. C. de Realengo e o Brasil Suburbano F. C. de Piedade (DE ALMEIDA; DE ALMEIDA, 2020).

Além dos campos, outro espaço ocupado pela modalidade feminina, na década de 1930, foi o circo. Atrizes vestidas com uniformes de times mais populares jogavam e performaram o futebol nos picadeiros dos circos brasileiros mais famosos da época, como Irmãos Queirolo, Nerino e Irmãos Garcia. A modalidade não passava de uma atração para o público e para as companhias, seja pela exibição do corpo feminino com roupas curtas ou pelo

ideal exótico, mulheres realizando movimentos nunca vistos: chutando uma bola (BONFIM, 2019)

Quanto mais o esporte praticado por mulheres se potencializava dentro e fora das quatro linhas, maior era sua notoriedade dentro da imprensa brasileira. Entretanto, a mídia esportiva dividia comentários sobre a participação da mulher no futebol, como são esses dois exemplos:

Desejávamos que a prudência e a visão dos organizadores das partidas de football disputadas por senhoritas nos evitassem a nós vir trazer a nossa condenação à infelicidade manifesta da iniciativa.[...] Façam tudo quanto os homens fazem, inclusive saltar de bonde andando, mas, por amor a sua dignidade, não se exponham ao achincalhe de representar paródias de football, que é sport demasiado bruto para flôres tão mimosas! (Diário Carioca 1921 apud DE ALMEIDA; DE ALMEIDA, 2020, p.172)

O futebol feminino é o jogo recommendado à mocidade feminina, a jornalista escreve: “[...] o futebol, senhores, incompetentes, é o menos perigoso para os orgams femininos que os movimentos executados em certas danças rythmicas”. (À Gazeta de São Paulo 1924 apud DE ALMEIDA; DE ALMEIDA, 2020, p.173)

Os dois comentários sobre a prática do futebol por mulheres são pautados em uma visão higienista do século XX, onde os corpos femininos eram vistos como um bem social do Estado e tinham como função a maternidade e a gestação das futuras gerações deste país. Diante disso, algumas modalidades esportivas eram destinadas aos corpos femininos e outras não. O futebol, para alguns, era um adversário do cumprimento deste papel social, uma vez que as mulheres poderiam alterar a fisiologia delicada de seu corpo e comprometer seus órgãos reprodutivos. (FRANZINI, 2005).

Socialmente, a identidade feminina de “dona do lar” e “mãe”, seria corrompida e elas se assemelhariam aos corpos masculinos, ideia que era inadmissível, visto que os homens tinham um papel social superior ao das mulheres. Podemos observar isso no texto de Goellner (2005, p. 144):

Subjacente a essa interdição, havia a concepção de que o suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos

espetacularizados do corpo [...] abrandariam os limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. Além disso, poderiam desestabilizar a estruturação de um espaço de sociabilidade criado e mantido sob domínio masculino, cuja justificativa para sua consolidação, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas.

Muitos dos argumentos contrários ao futebol de mulheres, encontrados na imprensa esportiva da época, eram pautados pela segurança do corpo feminino diante de suas funções reprodutivas e maternas. Pode-se observar que, além da visão higienista, o machismo também ditava essas “preocupações” e limitava, literalmente, a autonomia das mulheres sobre seus próprios corpos e vontades (FRANZINI, 2005).

Ademais, a participação das mulheres em eventos esportivos, devido a ideia de modernização, colocava em pauta o exibicionismo e espetacularização de seus corpos desnudos com roupas esportivas de tecidos mais justos e leves em espaços públicos, como clubes e agremiações. Embora o cuidado com o corpo e o uso de vestimentas esportivas fizessem parte da modernização da mulher e do esporte, esses novos atributos não poderiam fugir de seus deveres e da personagem enquanto mulher na sociedade: o lar e os filhos (GOELLNER, 2005).

Portanto, estes argumentos ligados às funções de seus corpos físicos e de seus papéis sociais eram pautas contrárias à participação feminina dentro de campo. Muitos foram notícias e textos publicados por homens - médicos, engenheiros, educadores, professores, esportistas - que se consideravam “especialistas” no assunto e que “se preocupavam” com o futebol se tornando uma ameaça às mulheres e a futura geração brasileira. Destaca-se a carta de José Fuzeira para o presidente da época, Getúlio Vargas, em 1940:

Refiro-me, Snr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento sem afetar seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a ser mãe. [...] em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de

futebol, ou seja: 200 núcleos destroçadores da saúde de 2.200 futuras mães, que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes. (FRANZINI, 2005, p. 319)

O debate se estendeu ao papel social da mulher, com os assuntos sobre aliciação e prostituição de mulheres no futebol, que se tornaram tema da imprensa brasileira. Não por acaso, este assunto veio à tona depois de grandes momentos da modalidade feminina na década de 1940: o jogo disputado entre as equipes periféricas mais populares, S. C. Brasileiro vs. Cassino do Realengo, no Estádio do Pacaembu, 20 dias após sua inauguração, contando com 80 mil espectadores e elogios da imprensa, como “jogadas com bons recursos”.

[...] proposta da cerimônia paulista forjava-se como mais uma oportunidade de apresentar o futebol para um público novo, numa localidade nova e com uma considerável assistência numérica, revertida em renda, dada a capacidade de público do Estádio do Pacaembu da época. (BONFIM, 2019, p.161)

E partidas realizadas, além do eixo Rio-São Paulo (em Belo Horizonte, Juiz de Fora, Niterói, Magé e Petrópolis) que contavam com um sucesso de vendas de ingressos registrado pelos jornais, que até compararam com a quantidade de telespectadores em jogos preliminares do futebol masculino (DE ALMEIDA; DE ALMEIDA, 2020).

Na cidade do Rio de Janeiro, no mesmo ano, a polícia iniciou ações a fim de proibir o futebol feminino, sob a justificativa de que os clubes clandestinos, sem licença policial, não poderiam atuar, por se tratar de uma exploração vinda de “mães espertinas”, que aliciavam mulheres e realizavam serviços de prostituição.

A ideia de aliciação e prostituição se davam pelo fato de que mulheres de alguns clubes estariam recebendo para praticar futebol, um caminho para a profissionalização da modalidade. Por parte da cobertura jornalística desta investigação, foi relatado que as mulheres “suburbanas recebiam pagamentos por cada exibição esportiva, um “bicho”, que girava em torno de 10\$000 a 15\$000” (BONFIM, 2019, p.177) e isso causou mais incômodo aos homens que se consideravam especializados no assunto:

Assim, nas palavras do delegado Dulcídio, as mulheres que negavam essa natureza e que aceitavam um valor monetário pelos “riscos à saúde” dentro dos campos eram consideradas “moças de condição social quase duvidosa” ou “mulheres infelizes”. Dentro dessa lógica, o caminho para a profissionalização do Futebol Feminino tornou-se imoral, uma impureza que confundia a propensão natural atribuída ao corpo da mulher: a maternidade dos futuros filhos da pátria (DE ALMEIDA; DE ALMEIDA, 2020, p. 182).

Diante da investigação policial e da cobertura jornalística, o futebol feminino começou a ser fiscalizado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão criado no governo de Getúlio Vargas em 1937 para censurar e propagar o governo durante o Estado Novo. O DIP, em vista disso, se tornou responsável pela regulamentação do esporte com a definição de novas regras e critérios (BONFIM, 2019).

A profissionalização do futebol praticado por mulheres, na óptica do machismo, era uma degeneração tanto moral, para a sociedade, quanto física, para as meninas e mulheres. A situação piorou quando um boato surgiu nas mídias sobre um possível amistoso entre uma equipe feminina brasileira contra uma equipe argentina em Buenos Aires.

Para o governo da época, Getúlio Vargas, o futebol já fazia parte da identidade nacional e a profissionalização dos jogadores homens era, então, realidade. Mas não se tratava da realidade feminina, uma vez que a imagem da mulher brasileira, para o Estado Novo, se construiu pela sua beleza e fragilidade e um amistoso internacional, de um esporte tão perigoso como o futebol, venderia uma imagem “distorcida” das mulheres brasileiras para o mundo.

Podemos observar isso na publicação do *O Imparcial* em janeiro de 1941:

[...] A mulher brasileira tem patrimônio moral e sportivo honroso, adquirido por feitos heroicos e inegualaveis e que não poderá ser enegrecido em paiz estranho por espetáculos circenses ridículos, o qual está merecendo a repulsa dos brasileiros sinceros, como diariamente o ledor conhecimento, através das varias opiniões de inserimos o respeito. (apud DE ALMEIDA; DE ALMEIDA, 2020).

E foi em abril do mesmo ano, 1941, que o Decreto-Lei nº 3.199 estabeleceu a criação do Conselho Nacional de Desportos e as bases de organização dos desportos em todo o país, sendo uma delas, a proibição da prática esportiva para as mulheres pelo Artigo 54:

Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país (BRASIL, 1941).

Não era necessária uma lei para limitar os corpos de mulheres na prática do futebol, antes mesmo da proibição, já estavam sendo tomadas providências que dificultassem sua participação. No Decreto-Lei nº 3.199, o futebol não era descrito como esporte proibido, mas estava subentendido em “incompatíveis com as condições de sua natureza (natureza da mulher) e por isso, os jogos e treinos femininos desapareceram da imprensa esportiva na época (LIMA; PINHEIRO, 2018). Além disso, acreditava-se que os espaços públicos, como os clubes, agremiações e estádios, não eram locais para as mulheres exporem seus corpos, aqueles considerados “sagrados”, e que, para não se tornarem promíscuas, deveriam se reservar apenas aos espaços privados, como seu próprio lar (SILVA, 2013).

1.2 Do cartão amarelo ao cartão vermelho

Se a modalidade não se encontrava nas folhas dos periódicos da época a partir de 1941, ela ainda estava dentro das quatro linhas do campo. O futebol de mulheres volta a aparecer na mídia apenas em 1946, com uma notícia sobre o possível ressurgimento da modalidade:

Na edição nº 1.518, do jornal fluminense A Manhã, há uma notícia de certo destaque falando sobre a possibilidade do ressurgimento do futebol feminino. De acordo com o jornal, os editores haviam recebido vários telefonemas de um público ansioso pela volta do esporte, o que denota a existência de uma torcida mesmo em tempos de proibição. (LIMA; PINHEIRO, 2018, p. 52)

Neste período, a prática, embora proibida, não foi interrompida e os periódicos - como revista *Esporte Ilustrado*, jornal *A Manhã*, jornal *A Tribuna da Imprensa* - voltaram a postar notícias e informações sobre a participação das mulheres enquanto telespectadoras e sobre a evolução que a modalidade teve na década de 1950 e 1960. Nesta época, anterior a segunda Deliberação, o futebol não era descrito, explicitamente, como “prática de desporto incompatível” e isto possibilitou a permanência das mulheres dentro de campo.

No entanto, as opiniões dos homens “especialistas” sobre as mulheres praticantes do futebol não se alteraram e ainda era defendido que os papéis sociais de seus corpos e suas funções sociais, estabelecidos por uma ótica machista, fossem respeitados (LIMA; PINHEIRO, 2018). ”.

Segundo as autoras (2018), diante desses jogos proibidos, o Conselho Nacional de Desportos (CND), junto com a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) repreenderam as instituições responsáveis pelas partidas durante essa época de 1950 e 1960 e recorriam até à força policial para conter quem descumprisse a lei.

Tal repressão se estendeu para a Deliberação nº7 do Conselho Nacional de Desportos, no início da Ditadura Militar no Brasil, em agosto de 1965, que proibia de fato a prática de Futebol e Futsal para as Mulheres:

Nº 1: às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação.

Nº 2: Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball (CASTELLANI FILHO, 2013, p. 48-49)

Nessa época, o futebol praticado por mulheres foi procurando brechas para continuar existindo e as mulheres, na década de 1970, começaram a ocupar as praias de Copacabana. Jovens da periferia carioca formavam times, nomeados de acordo com as ruas que moravam, para brincar

na areia e logo, foram surgindo campeonatos. Além disso, na periferia do Rio de Janeiro, o futebol continuava presente com times como “Gatas da Penha”, formado por jovens jogadoras. (DE ALMEIDA; DE ALMEIDA, 2020).

Mas por que esta prática não chamou atenção para as autoridades como o Conselho Nacional de Desportos ou a polícia?

Giovana Capucim e Silva (2013) explica em seu trabalho que as mulheres que ocupavam aquele espaço eram negras e da periferia e já eram consideradas degeneradas socialmente, uma vez que já saiam do seu lar, deixando maridos e filhos, para trabalharem em locais públicos - lugares que não eram previstos para as mulheres - e já teriam exposto seus corpos para o mundo e, portanto, não cumpriam mais com a sua função social.

Além disso, os trabalhos de mulheres fora de espaços privados eram associados diretamente à prostituição e ao adultério, pelo “abandono ao lar”. Outros pontos, desta ótica racista, estão ligados ao fato de que seus filhos não seriam o “futuro da geração brasileira”, portanto não haveria de se preocupar com seus corpos, visto que não reproduziriam os futuros dirigentes do país (SILVA, 2013).

1.3 (Re)início do Jogo

A Deliberação nº7/65 só foi revogada em 1981 com uma nova Deliberação, à nº 1 de 1981:

As mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação. (...) A presente Deliberação entrará em vigor na data de sua publicação, revogada a Deliberação número 07/65. (CASTELLANI FILHO, 2013, p. 50)

Esta revogação não ocorre por parte de incentivo público e nem reconhecimento social e moral das mulheres praticantes de esportes que resistiram e, durante 40 anos, tiveram que achar brechas para que pudessem continuar jogando.

A Deliberação nº1/81 é produzida, no fim da Ditadura Militar, pela necessidade de idealizar o Brasil para um cenário Internacional. Isto acontece, pioneiramente, porque no ano de 1979, o diretor da Confederação Brasileira de Judô, Joaquim Mammed, inscreveu quatro mulheres trocando seus nomes para masculinos para o Sul-Americano de 1979. O judoca já tinha sido intimidado para se apresentar ao Conselho Nacional de Desportos quando voltasse para o Brasil e assim o fez, mas com as mulheres portando medalhas no peito (SILVA, 2013).

Foi-se necessária uma prova concreta, as medalhas, para que a prática esportiva das mulheres pudesse retornar à legalidade. Ademais, nos anos 1970, os movimentos sindical e feminista ficaram mais forte no Brasil e possibilitava a entrada das mulheres no mercado de trabalho e aquele ideal feminino de “bela, maternal e feminina” já não era um pensamento hegemônico (GOELLNER; KESSLER, 2018).

Como explicado no item anterior, o futebol praticado por mulheres não parou de existir durante o Decreto-Lei nº 3.199/41 e os jogos femininos continuaram a rolar com um caráter mais recreativo. O caminho para a profissionalização visto em alguns clubes em 1941 se perdeu junto com a visibilidade midiática e a realização de campeonatos mais competitivos (GOELLNER; KESSLER, 2018).

Foi só em 1983 que o futebol de mulheres foi regulamentado no país pela Confederação Brasileira de Futebol, após pressão de Eurico Lira, presidente do *Esporte Clube Radar*. E foi neste mesmo ano que aconteceu a primeira competição nacional, a *Taça Brasil de Futebol Feminino*. (DE ALMEIDA; DE ALMEIDA, 2020).

Nesta época, o futebol masculino já estava consolidado nacionalmente e internacionalmente, sendo um componente da identidade do Brasil. Com três títulos de Campeão do Mundo, - 1958, 1962, 1970 – “o futebol era cercado pela Imprensa e, portanto, ocupava um importante papel no espaço público, um lócus de poder, de visibilidade, do qual as mulheres não tomavam parte.” (SILVA, 2013, p. 5).

A volta da legalidade do futebol praticado por mulheres representava uma atitude transgressora para a época (GOELLNER, 2005), uma vez que o esporte era, e ainda é, um local construído e projetado por homens e para os homens. Pereira, Pontes e Júnior (2019) definem a modalidade como um espaço masculino e masculinizante, em que a presença de mulheres questiona a construção da modalidade feminina para que seja pensada, não para e nem pelos homens e sim, de uma forma que respeitasse as demandas e vontades próprias.

Entretanto, esta construção nunca foi feita pelas e nem para as mulheres, já que os homens sempre dominaram o espaço físico e social do futebol. Um desses espaços sociais era a imprensa esportiva, que desde a inserção do futebol feminino no Brasil, ditou como as mulheres deveriam se comportar e se estavam aptas ou não a praticar a modalidade.

O período de 1980 a 1990, para o futebol de mulheres, é marcado pelo reinício, de maneira legal, das mulheres dentro de campo em clubes esportivos. Em 1987, a Confederação Brasileira de Desportos cadastrou 2 mil times femininos e 40 mil jogadoras brasileiras, dados oficiais que mostram o crescimento da participação das mulheres no esporte (DARIDO apud SALVINI; MARCHI JUNIOR, 2016). Além disso, equipes de mulheres se consolidaram nesta época com importantes participações em campeonatos nacionais e internacionais, destaque para o Esporte Clube Radar.

O Esporte Clube Radar, em 1981, criou uma equipe feminina de futebol e em 7 anos de existência, “realizou mais de 300 partidas, sendo 71 delas no exterior, obtendo 66 vitórias, 03 empates e 2 derrotas” (SALVINI; MARCHI JUNIOR, 2016, p. 103). O Radar teve grande representatividade no futebol de mulheres como um time vitorioso e organizado, principalmente para o período.

Entretanto, não foi esta representação de reestruturação que predominou nas mídias esportivas. Antes a discussão era sobre como o futebol ameaçava aos corpos “frágeis, delicados e belos” das mulheres, na década após a revogação da lei, esses corpos eram representados pela mídia a fim de afirmar as características físicas e sociais destinadas ao feminino. A

representação dos corpos femininos era pelos seus órgãos reprodutores e sua função “do lar” do começo do século XX se deslocou para uma imagem de feminilidade através da aparência e erotização feminina.

Se o futebol de mulheres, da época, não poderia se assemelhar ao masculino com a sua força e habilidades motoras, deveria então ser um espaço de afirmação de sua feminilidade. Segundo Goellner (2005, p. 148):

Nesse contexto, feminizar as mulheres é, sobretudo, feminizar a aparência e o uso dos seus corpos. É também construir uma narrativa que ressalta a beleza, a graciosidade e a sensualidade como seus maiores atributos, reforçando, portanto, uma representação hegemônica de feminilidade.

Para Mourão e Morel (2005), na mídia esportiva na década de 1980, prevaleceu o discurso de um ideal físico para os corpos femininos belos com representação de imagens de “musas”, atletas femininas de várias modalidades, as desvinculando de corpos masculinos.

Um exemplo, de esta prevalência na Placar, é uma reportagem do Esportivo Clube Radar em 1985 contando com a apresentação das 11 jogadoras do time. Esta apresentação fugiu das caracterizações esperadas para uma reportagem esportiva e contou com informações sobre “o tamanho do busto” das jogadoras (SALVINI; MARCHI JUNIOR, 2016).

O discurso sobre o futebol praticado por mulheres se deu pela aprovação da feminilidade dos corpos para não se assemelhar aos masculinos, nem nos gestos, nas características e nem na sexualidade. A mídia esportiva da época explorava esse debate para representar o futebol de mulheres por meio da reprodução de características consideradas femininas: “corpos arredondados, o rebolado, a beleza e a simpatia” (ALMEIDA; ALMEIDA, 2020, p.187).

A mídia usava e abusava desta representação erotizada com a justificativa que o futebol praticado por mulheres só teria notoriedade se fosse mais atrativo para o público e para os patrocinadores. Segundo Goellner (2005, p. 147):

O apelo à beleza das jogadoras e a erotização de seus corpos tem como um dos pilares de sustentação o argumento de que,

se as moças forem atraente, atrairão público aos estádios e, portanto, ampliarão os recursos captados com os jogos, propagandas, produtos e serviços a girar em torno da modalidade. Atrairão, sobretudo, patrocinadores cuja ausência é comumente apontada pela mídia esportiva como um dos grandes problemas do futebol feminino no Brasil.

Se antes o esporte praticado por mulheres não era nem legítimo a ser praticado, nos anos 1980, se tornou um produto para ser vendido e consumido pelos homens e assim, ganhar notoriedade para o público. Nesta lógica o futebol feminino como produto, para ser vendido, precisa de uma imagem que o representasse e foi assim que os corpos das mulheres foram espetacularizados ressaltando características destinadas ao seu sexo. Uma vez que os homens, consumidores da modalidade, se interessariam mais por corpos belos e atrativos e não no jogo propriamente dito (SILVA, 2013).

Já na década de 1990, dez anos após a liberação, o futebol de mulheres se apresenta mais estruturado e organizado dentro e fora do país. Internacionalmente, a Seleção Brasileira confirmou presença em eventos esportivos, como a Copa do Mundo na China em 1991, os Jogos Olímpicos de Atlanta 1996, a Copa do Mundo na Suécia em 1995 e a Copa do Mundo nos Estados Unidos em 1999. O Campeonato Sul-Americano também foi disputado por nossas brasileiras nos anos de 1991, 1995 e 1998, sendo campeãs em todos. No cenário nacional, o Campeonato Brasileiro volta a ser disputado em 1994 (SALVINI; MARCHI JUNIOR, 2013) e se cria campeonatos regionais como o Carioca e o Paulistanas em 1997.

Diante deste progresso da modalidade, a Revista *Placar*, como um meio da imprensa esportiva deste país, se aproxima do futebol praticado por mulheres na década de 1990. A *Placar*, nesta época, é marcada pela mudança para o editorial *Futebol, Sexo e Rock and Roll* no ano de 1995 que enaltecia outros comportamentos e reproduções do futebol, visto como moderno, para um novo público alvo, os jovens e adolescentes do sexo masculino.

No próximo capítulo, o estudo se aprofundará sobre a história da Revista *Placar*, sua mudança de editorial para o *Futebol, Sexo e Rock and Roll* em 1995 e aproximação do futebol praticado por mulheres até 1999.

Capítulo 2 - Revista Placar: da criação ao Editorial

Neste capítulo para entender a trajetória da *Revista Placar*, os assuntos abordados são sobre a imprensa esportiva, a criação da *Revista Placar* em 1970 e o contexto sócio-histórico para a mudança de sua linha Editorial para o slogan *Futebol, Sexo e Rock Roll* em abril de 1995 e por último, a aproximação da *Placar* com o futebol de mulheres desde 1980 até o período do Editorial, abril de 1995 à fevereiro de 1999.

2.1 - Revista Placar e o Editorial “Futebol, Sexo, Rock & Roll”

A história do futebol no Brasil, masculino e feminino, pode ser contada por diversos periódicos da imprensa do nosso país - jornais, boletins, almanaques, catálogos e revistas. Não há dúvidas de que as duas narrativas são contadas de formas diferentes e que a prática feminina contou com apagamentos e inexistências de fontes que registram a história do futebol de mulheres (SALVINI; MARCHI JUNIOR, 2016).

No início do século XX, os jornais eram o principal meio de comunicação do país e apresentavam as notícias sobre os times, partidas e campeonatos masculinos. Em 1902, o jornal *A Província de São Paulo* já relatava matérias sobre a disputa do primeiro Campeonato Paulista da história (ROCCO JUNIOR; BELMONTE, 2014).

Segundo Barros (2021), o jornal se enquadra como um “meio de comunicação” e não só “de informação” por mesclar notícias e informativos do dia a dia com discursos regados de valores e ideias que agem na sociedade. Além disso, o autor caracteriza o jornal como uma fonte de periodicidade diária, com largo alcance de público e com abrangência de diversos assuntos produzidos por diferentes autores - o que significa a presença de diversos valores e ideias diferentes no mesmo periódico:

Isto ocorre porque os jornais não transmitem apenas informações. Eles também comunicam ideias e valores, e através destas ideias e valores buscam agir sobre a sociedade, além de apresentarem certos interesses – não

necessariamente um único setor de interesses, mas sim um campo de interesses no interior do qual diversos fatores interagem. (BARROS, 2021, p.425)

Dentro deste campo de interesses, o futebol masculino se encontrou como pauta nos jornais brasileiros, principalmente pelo sucesso nacional e internacional obtido a partir da década de 1950 no Brasil. Entre diferentes notícias, o futebol também estava estampado através de informações dos times brasileiros e das partidas realizadas pelo país.

Com tanta audiência, o público começou a buscar informações mais específicas e direcionadas a este esporte e isto implicou o surgimento de periódicos voltados somente para este assunto. Jornais especializados envolvendo a cobertura de eventos, partidas, treinos, contratação de treinadores e jogadores já eram assunto desde 1822, com o surgimento do *Bell's Life and Sporting Chronicle* na Inglaterra (ROCCO JUNIOR; BELMONTE, 2014).

Outro tipo de periódico que se especializou em futebol foram as revistas. Anteriormente, tinham uma função estratégica, assim como o jornal, de abranger diversos assuntos para alcançar o máximo de leitores possíveis como “[...] acontecimentos sociais, crônicas, poesias, fatos curiosos do país e do mundo, instantâneos da vida urbana, humor, [...] jogos, charadas e literatura para crianças” (DE LUCA, 2005, p. 21).

Mas este meio de comunicação se caracteriza, desde então, por assuntos mais detalhados que o jornal por tratar de temas de interesses específicos de seu público. Estes temas de interesse dos assinantes guiam o jornalismo da revista e geram uma identidade entre o leitor e a revista, dando significado ao que está sendo ali tratado e se especializando em um só tema, diferente do jornal (ROCCO JUNIOR; BELMONTE, 2014).

Unzelte apud Leal e Mesquita (2021, p. 21), cita diferentes revistas da *Editora Abril* especializadas em assuntos de acordo com seus leitores e leitoras

[...] entre 1950 e 1960, a Abril já tinha uma série de títulos importantes. Capricho (1952) e Ilusão (1958) eram revistas com fotonovelas voltadas para o público jovem do sexo feminino.

Cláudia (1961) destinava-se às mulheres casadas. Realidade (1966), mensal, e Veja (1968), semanal de informação, também faziam parte do time.

É neste contexto de especialização de interesses que a *Editora Abril* lançou seis edições de testes da *Revista Placar*, entre fevereiro e março de 1970. Na época, não havia uma revista especializada em futebol e a sociedade brasileira, com grande expectativa sobre a Copa do Mundo de 1970, literalmente comprou a ideia da *Editora*.

Outros fatores, além da conquista do tricampeonato masculino, ajudaram para que as edições testes fossem um sucesso, o momento era de crescimento da economia e de um maior poder aquisitivo da sociedade brasileira e a taxa de analfabetismo caiu de 65% para cerca de 30%, ocasionando uma maior procura para a leitura dos periódicos por parte dos brasileiros e brasileiras (MALAIA, 2012). Além disso, diferente do jornal, o formato da revista com uma maior presença de fotos e ilustrações coloridas, contemplava o acesso para pessoas analfabetas. (DE LUCA, 2005).

Entretanto, na época, o país sofria com as opressões e violências da ditadura militar, sendo os meios de comunicação uma das vítimas. A Lei de Imprensa (Lei 5250/67) publicada em 1967 reprimia a liberdade de manifestação do pensamento e da informação, não sendo tolerada nenhuma propaganda de guerra, de desordem política ou social, ou de preconceitos de raça ou classe. Em 1968, o Ato Institucional nº 5 institucionalizou a censura da imprensa e da propaganda política.

É neste cenário de censura midiática e de maior interesse pela leitura de periódicos esportivos que a *Revista Placar*, oficialmente, nasceu em 20 de março de 1970. Em seus primeiros exemplares no tamanho de 31 cm de altura por 23 cm de largura, contava com 40 páginas sobre assuntos esportivos com ilustrações e imagens coloridas (MALAIA, 2012).

Ainda que o periódico sofresse com a censura política, o discurso político crítico não saiu de suas páginas mesmo com um assunto que era de grande interesse para o governo militar da época, o futebol. Para João Malaia (2012, p.153), a *Revista* tinha duas licenças para esta “liberdade” jornalística: a licença esportiva e a humorística.

Pode-se observar esta licença esportiva nas reportagens feitas sobre João Saldanha nos primeiros meses de 1970. João Saldanha era jornalista e trabalhava como técnico de futebol, havia treinado o Botafogo na década de 1950 (MALAIA, 2012) e foi escolhido como técnico da Seleção Brasileira Masculina em 1969. Apesar de seu triunfo esportivo nas eliminatórias da Copa do Mundo, com 9 vitórias em 9 jogos, Saldanha contou com polêmicas envolvendo o presidente ditador Médici. O técnico, favorável ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), não aceitava interferências políticas em sua Seleção Brasileira e ao confrontar Médici na não-convocação do jogador Dario do Atlético Mineiro, foi demitido e substituído por Mário Zagallo (SCHATZ, 2015).

A *Placar*, com sua licença esportiva, tratava da notícia sobre a demissão do técnico Saldanha, e se opunha a tal decisão. Hamilton Almeida, um dos editores da revista, publicou uma crônica, nomeada “João-Quixote”, em apoio ao técnico na época e a revista postou uma pesquisa, entrevistando 1.500 brasileiros, na qual 59% eram contrários a decisão da demissão de Saldanha (MALAIA, 2012). Estes dados mostram que, apesar da censura militar nos meios de comunicação do período, a Revista *Placar* não perdia seu tom jornalístico e político.

Nos primeiros anos de 1970, a revista era postada semanalmente para todo o Brasil e contou com dois agentes publicitários propulsores para alcançar seu sucesso de vendas. O primeiro foi a cobertura da Copa do Mundo no México em 1970 que o Brasil se consagrou tricampeão e o segundo foi a conciliação com a Loteria Caixa e as apostas esportivas (SCHATZ, 2015).

O tricampeonato mundial em 1970 não foi visto somente como uma conquista esportiva, mas também como uma vitória da ditadura militar brasileira na década de 1970. O Regime Militar se esforçava para difundir a visão de um Brasil-Potência e o futebol foi usado, como elemento político, para justificar as violências e as atrocidades cometidas, no intuito de construir um país poderoso.

É no projeto desenvolvimentista dos governos militares que se propõe um processo modernizador da sociedade e o futebol surge como um dos elementos capazes de auxiliar a execução

segura e colaborar na construção da identidade nacional (ROCCO JUNIOR; BELMONTE, 2014, p. 8).

É importante ressaltar que na Ditadura Militar, enquanto o futebol masculino estreitou os laços com o governo e se beneficiava com grande visibilidade e notoriedade nas mídias esportivas nacionais e internacionais, as mulheres eram proibidas, novamente, de praticar a modalidade a fim de representar uma identidade social e física impostas para elas, como visto no Capítulo 1.

O segundo agente, a Loteria esportiva, foi uma iniciativa da Caixa Econômica Federal e da Confederação Nacional de Desportos com o nome de “LoteCopa”, no intuito de arrecadar dinheiro para os gastos com viagens e estadia da Seleção Masculina Brasileira na Inglaterra em 1966. O sucesso da Lotecopa deu seguimento a Loteria Esportiva, consistia na aposta em qual time venceria cada jogo em determinada rodada. O papel da *Placar*, diante disso, era apresentar para seu leitor uma análise tática sobre os times e palpites dos resultados em cada rodada e assim, ajudá-lo a se tornar milionário (SCHATZ, 2015).

De 1972 a 1974, a revista contou em suas edições com “Tabelão”, um encarte adjunto ao exemplar com resultados e fichas técnicas de todos os jogos realizados semanalmente para ajudar o leitor nas apostas da Loteria Esportiva de todo Brasil. Com este objetivo de se tornar referência nacional, a *Placar* contava com uma equipe de repórteres e colaboradores espalhados pelas principais praças esportivas brasileiras para cobrir e apresentar os campeonatos estaduais e nacionais, ponto de diferenciação das outras revistas (ROCCO JUNIOR; BELMONTE, 2014).

Apesar de seu sucesso de vendas e visibilidade até os dias de hoje, a revista não deixou de contar com polêmicas e instabilidades financeiras que a fizeram dotar de estratégias publicitárias para se manter consolidada no mercado.

Para Leal e Mesquita (2021), o periódico desde sua primeira instância possuía um jornalismo mais investigativo e politizado e em 1982, publicou um trabalho sobre a máfia da Loteria Esportiva com o envolvimento de

mais de 125 denunciados entre jogadores, dirigentes, árbitros, técnicos e outras personalidades. A notícia contava, detalhadamente, com 12 páginas de denúncia e foi um sucesso de vendas, com mais de 300 mil exemplares vendidos.

Entretanto, nenhuma das 125 pessoas envolvidas foram presas por falta de provas e a *Placar* perdeu credibilidade dentro do campo esportivo. A falta de confiança junto à instabilidade financeira da época, fez com que os editores criassem uma nova fase da revista em 1984: *Placar Todos os Esportes* (LEAL; MESQUITA, 2021).

Inspirada na revista estadunidense, *Sports Illustrated*, o foco era em outros esportes além do futebol, como boxe, vôlei, basquete, automobilismo, atletismo e o futebol praticado por mulheres. Entretanto, o editorial *Todos os Esportes* não teve tanta credibilidade e contou somente com 30 edições de abril a novembro de 1984 (LEAL; MESQUITA, 2021).

O futebol praticado por mulheres já aparecia em outras edições da revista desde a revogação da lei em 1980, mas só em 1984 ganha destaque como capa de revista na edição de julho de 1984³. É importante destacar dois pontos sobre essa aparição e sobre como as fontes a tratam: o primeiro sobre o futebol de mulheres só estampar a revista como outra modalidade diferente do futebol de homens, assim como o atletismo e o vôlei e o outro, foi a maneira que foi representado, através de uma foto da jogadora Vandira do Pinheiros de São Paulo (Figura 1).

³ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 738, 1984.



Figura 1 - Capa da Revista Placar, nº 738 (1984)

Para Souza e Knijnik (2007), o esporte masculino é considerado “o comum”, o “neutro” e o esporte praticado por mulheres necessita sempre de uma afirmação de gênero. Portanto, a mídia ao se tratar do futebol praticado por homens, usa somente o termo “futebol”, enquanto o praticado por mulheres, usam sempre a denominação “feminina”. As modalidades femininas não são vistas e nem tratadas da mesma forma pela mídia, sendo necessário indicar a diferença de modalidades, mesmo sendo disputadas nas mesmas regras e quadras.

Na *Placar*, a modalidade feminina é pautada como se não fosse e nem pudesse ser tratada da mesma forma que a masculina, sendo necessário colocá-la como capa somente em um editorial nomeado como *Todos os Esportes*, reforçando a ideia de que o futebol de mulheres não deveria ser difundido junto ao futebol masculino.

E o segundo ponto, afirmando a primeira ideia, é a representação deste futebol: a jogadora fotografada de uma forma sensual vestindo camisa de clube e calcinha branca. A afirmação de um corpo feminino pautado na sensualidade e beleza e com certeza, diferente e nem perto da representação do masculino. Para Malaia (2012, p. 161), “[...] a escolha de determinados

personagens, sua posição na fotografia, sua posição na página e as legendas devem ser vistas como tendo o objetivo de produzir certo sentido para o assunto em questão.”

A maioria das capas da *Placar* nesta época eram fotografias dos homens em campo no momento de jogo, priorizando algum movimento como o desarme, a finalização, a comemoração para mostrar um corpo forte, viril, habilidoso. Enquanto aqui, a pose priorizada foi uma postura ensaiada como em um ensaio fotográfico, dando enfoque na exposição do seu corpo não em movimentos e habilidades com a bola, mas nas suas características físicas, sua sensualidade.

Esta imagem erotizada da mulher no futebol predominou as páginas da *Revista* nesta década de 1980. Para não assemelhar os corpos masculinos e femininos, a modalidade das mulheres até foi representada pelas “Globetes”, time composto, exclusivamente, por modelos e atrizes da Globo que participavam de jogos e eventos comemorativos e não esportivos (LEAL, 2020).

Com pouca adesão em outras modalidades, a *Placar* volta ao seu foco principal, o futebol. Entre 1988 e 1989, permanece outro editorial, *Placar Mais* com formato maior, todas as páginas coloridas e com preço mais barato que a anterior. Este editorial foi um sucesso de vendas e deu a *Revista* uma certa estabilidade financeira.

Durante os anos de 1989 a 1995, a revista não contou com nenhum tema específico como a *Todos os Esportes* ou a *Placar Mais*, mas apostou, por estar com equipe reduzida, em edições temáticas como a especial sobre os 50 anos de Pelé. (LEAL; MESQUITA, 2021). De 1990 a 1995, os exemplares já possuíam uma periodicidade mensal ao contrário dos outros que, desde 1970, contavam com edições semanais.

Com o formato mensal, a Revista *Placar* “renasce” após uma grande reformulação editorial e investimento milionário (ROCCO JUNIOR; BELMONTE, 2014) como uma versão masculina da *Capricho*, revista da *Editora Abril*, voltada para o público jovem feminino (LEAL; MESQUITA, 2021). O jornalismo esportivo sai de cena das páginas da *Placar* para dar lugar ao

entretenimento com o Editorial, aqui em análise, *Futebol, Sexo e Rock and Roll*.

2.2 Modernidade e Entretenimento para quem?

Como visto, a revista possui uma periodicidade maior, semanal ou mensal, e temas menos amplos que os jornais. Os assuntos são mais específicos por se tratarem de uma lógica de mercado envolvendo os interesses de seus leitores, então os periódicos aprofundam-se em conteúdos de maior atração para seu público alvo para assim, alcançar a venda de mais exemplares em relação aos seus concorrentes. Foi desta estratégia que a *Revista Placar* buscou se manter no mercado com editorias ainda mais específicos, dentro eles, o *Futebol, Sexo e Rock and Roll*.

Para Saldanha e Goellner (2013), a Revista *Placar* é uma instância pedagógica que produz e reproduz representações sobre o futebol praticado por homens e por mulheres em suas páginas: “Ou seja, seus textos, fotos, ilustrações e silêncios não apenas retratam a “realidade”, mas a produzem, atribuindo sentidos e significados que ensinam um jeito de conhecer e se relacionar com o futebol” (SALDANHA, 2013, p. 283).

A fim de fazer com que seu leitor conhecesse e se relacionasse com o futebol da década de 1990, a *Revista*, em sua nova temática, contou com mudanças físicas e temáticas. O futebol, no Brasil desta década, em busca da “modernidade” dos clubes europeus, começa a dar prioridade para os fatores econômicos em detrimento aos fatores culturais, estruturados pela lógica do mercado e com uma gestão rentável (PEREIRA; PONTES; JÚNIOR, 2019).

O periódico se adaptou aos novos temas da década para dar mais valor, social e monetário, às suas notícias e isso se deve ao fato de que as mídias são mutáveis e sempre se adaptam a “novos cenários, ambientes, valores e contextos históricos” (MESQUITA; LEAL, 2021, p. 97).

A *Editora Abril*, depois de três meses de preparação com uma nova equipe jornalística e um investimento de um milhão de dólares, colocou em

prática o lançamento de uma nova Revista *Placar* (ROCCO; BELMONTE, 2014). Na edição de março de 1995, Juca Kfourir, diretor da revista, anunciava a novidade da *Placar* para abril, mês de comemoração de 25 anos:

Sim, porque a partir de abril você vai conhecer uma revista de futebol como nunca se fez. A começar pelo formato, grande, generoso como um gol de placa. A continuar pelo tom da nova PLACAR, irreverente, instigante, revelador, além de representar um visual que fará de cada edição um show surpreendente, como os melhores clássicos das tardes ensolaradas dos domingos pelo país afora (KFOURI, 1995, p.5)

Em relação às mudanças físicas, seus exemplares começaram a ser vendidos mensalmente em um novo formato de 27,5 cm de largura e 35,8 cm de altura, maior que o anteriormente. Em suas folhas, fotos posadas de ensaios fotográficos em estúdios substituíram as imagens de atletas em ação dentro de quadra, fator causado, principalmente, pela contratação do fotógrafo J.R. Duran, notório por suas fotos na Revista *Playboy* (LEAL; MESQUITA, 2021).

Já para compreender a alteração na temática da Revista *Placar*, pode ser entendido em dois pontos: a busca brasileira por um futebol moderno na década de 1990 (SALDANHA, 2009) e a mudança do jornalístico esportivo para um viés de entretenimento e diversão voltada para o público jovem-masculino (LEAL; MESQUITA, 2021; ROCCO; BELMONTE, 2014)

A discussão do futebol moderno se dava, nos clubes brasileiros na década de 1990, pelas ideias de futebol-empresa e esporte-espetáculo vindas dos clubes europeus. Os maiores clubes europeus abandonaram os estatutos sociais com a escolha de presidente e a presença dos sócios nas decisões do time e foram vendidos para grandes empresas que levavam a gestão com uma logística comercial.

Este novo modelo de gestão esportiva dava ênfase no lucro do clube em todas as suas relações. O estudo de Saldanha (2009) entende o futebol moderno brasileiro representado na *Placar* por três relações: gestão, torcida e jogadores.

O futebol moderno e suas nuances passaram então a ser tema das matérias da nova *Placar*. A gestão moderna com dirigentes esportivos especializados, o torcedor consumidor vestindo a camisa de seu clube e os jogadores modelos, com entrevistas e ensaios fotográficos, eram assuntos de interesse do público jovem e então, ganharam espaço em relação às notícias antigas sobre os resultados de jogos, reportagens jornalísticas sobre os clubes e as representações dos atletas dentro de campo.

A gestão moderna se dava pela contratação remunerada de dirigentes esportivos ao invés dos cartolas e pela participação em campeonatos com novos moldes que visavam um maior faturamento por parte da cobertura televisionada, como era a Copa dos Campeões na Europa, e por parte dos patrocínios na venda de produtos licenciados.

Com este maior faturamento esportivo, a relação clube-torcida se torna clube-consumidor em que os torcedores se tornaram clientes de seus times de futebol masculino. A torcida passou a consumir este novo futebol moderno com um valor maior pelo ingresso, uma vez que os estádios tiveram alto custo ao se modernizaram, e com a compra de produtos em lojas oficiais como camisetas e uniformes de seu time.

E as relações dentro de campo não escaparam desta dinâmica do lucro e do espetáculo. Para cumprir estes papéis de modernização, o jogador começa a ser visto como celebridade a ser vendida dentro e fora de campo. Dentro das quatro linhas, busca atrair mais público com uma melhor performance e desempenho através de treinos com maior preparação física e tática pautados em métodos científicos de formação e treinamento. E fora de campo, se torna celebridade em campanhas publicitárias e carreira de modelo.

Entretanto, estas relações do futebol moderno pautadas nas páginas na *Placar* não condizem com o futebol de mulheres. As mulheres na década de 1990, e até hoje, passam longe de um profissionalismo na gestão de seus clubes com treinos de preparação física e tática pautados por métodos científicos e com pouca presença de torcedores consumidores de seu futebol e seus produtos.

Em 1990, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) passou a apoiar o futebol feminino, mas para a Copa do Mundo em 1991 na China não possuía um time estruturado e foram “convocadas” jogadoras do Esporte Clube Radar, clube feminino mais desenvolvido na época. A estreia brasileira na primeira Copa do Mundo Feminina foi encerrada ainda nas fases de grupo e a equipe terminou em 9º lugar geral. Entre 1991 a 1994, foram disputados somente campeonatos regionais e estaduais e o Campeonato Brasileiro voltou a ser disputado só em 1994 (SALVINI; MARCHI JUNIOR, 2013).

Na entrevista (GOELLNER; CABRAL; PEREIRA; BASTOS, 2021), a meia atacante Cenira Sampaio e a zagueira Solange Barros relataram as dificuldades encontradas na disputa dessa primeira Copa do Mundo em 1991. Pré-campeonato, as dificuldades foram em um treinamento adequado para atletas que não tinham uma rotina de treino, se tornava exaustivo os treinos intensos de manhã e tarde durante 3 meses.

Apesar de ser importante o preparo pré-mundial, não se levou em conta que as mulheres não tinham condições físicas para um treinamento intenso com dois treinos ao dia, Solange relata esta dificuldade de acompanhar todos os treinos. Durante o campeonato na China, as jogadoras não se alimentaram de maneira adequada, por uma questão cultural, e só comiam “McDonald’s”, Solange relata que o único dia que se alimentou bem, foi quando comeram macarronada, sem querer, no restaurante das jogadoras dos Estados Unidos, que diferente da Seleção Brasileira, tinham cozinheiro exclusivo.

Esta alimentação durante a Competição foi primordial para o desempenho das brasileiras dentro de campo, Cenira e Solange relatam que a Seleção “não rendeu o que tinha para render” (fala de Cenira) pela falta de uma alimentação adequada. Além disso, as atletas relataram que ninguém da comissão técnica se atentou a nutrição das jogadoras.

Estes exemplos de falta de estrutura da Seleção Brasileira exemplifica como o futebol de mulheres estava longe de uma profissionalização por parte de seus gestores.

Se o futebol de mulheres não se enquadra nas características do futebol moderno brasileiro desta década, a nova *Placar* irá encará-lo como

conteúdo de entretenimento e diversão a ser vendido para o público de jovens adultos. Para Salvini e Marchi Junior (2016, p. 107):

Para esse novo público o futebol não é profissão, e sim, diversão. É uma prática lúdica que visa o cuidado corporal e não a especialização esportiva e é desenvolvida em espaços de maior distinção, como escolinhas, reforçando atributos normativos de feminilidade e consumo.

Marcelo Duarte, diretor-chefe da revista no editorial *Futebol, Sexo e Rock and Roll*, relata que o público alvo deste período “[...] era o jovem, o garoto. Era o adolescente... E o jovem adulto. Era justamente para pegar esse público masculino, a versão masculina dos leitores da (revista) *Capricho*, que tinha um mercado consumidor muito grande” (LEAL; MESQUITA, 2021, p. 26).

E os interesses destes jovens adultos não eram o jornalismo esportivo investigativo, característica da *Placar*, e nem o futebol de fato, mas o entretenimento, a fofoca, assuntos envolvendo a vida pessoal dos jogadores e outros temas extracampo. O futebol se torna, no periódico, não o tema principal, mas um caminho para tratar outros temas de interesse dos jovens.

Semana a semana, ou mês após mês, a informação de qualidade de *Placar* cedeu espaço ao entretenimento, à “fofoca”, à notícia superficial. Tudo em busca da audiência. O jornalismo esportivo brasileiro se subverte, assim, aos interesses comerciais da indústria do entretenimento. Menos informação, mais diversão. (ROCCO JUNIOR; BELMONTE, 2014, p. 15)

Um destes temas seria o futebol praticado por mulheres, para Salvini e Marchi Junior (2013), a temática do futebol feminino aparece na Revista *Placar* de diferentes formas com representações de jogadoras “esteticamente bonitas”, de times de mulheres modelos que não eram jogadoras e notícias da Seleção Feminina de futebol. Para além desta representação, o padrão estético para a *Placar* também se torna uma categoria de análise.

Visto que o futebol de mulheres não se enquadrou como tema do futebol moderno e é levado pela revista como tema de entretenimento e diversão, o objetivo do próximo capítulo é analisar como a Revista *Placar* com

o tema *Futebol, Sexo e Rock and Roll* reproduziu as temáticas do futebol de mulheres e quais discursos prevaleceram em suas páginas, tido em consideração que o público-alvo do periódico eram homens adolescentes e jovens adultos.

Capítulo 3 - A relação entre o futebol de mulheres e a Placar

Neste capítulo, será apresentado, de maneira quantitativa, as reportagens encontradas ao longo do editorial e de maneira qualitativa, como se deu a relação entre o futebol praticado por mulheres na década 1990 e a *Revista Placar* em seu novo slogan.

Para Rocco Junior e Belmonte (2014, p.5), ao analisar as páginas de uma revista é possível conhecer, devido ao seu público alvo, “o ambiente, o estilo de vida, a história de uma época, o retrato de uma sociedade em determinado momento”. Portanto, ao analisar o editorial de abril de 1995 a fevereiro de 1999, não será retratado somente o futebol praticado por mulheres dentro de campo, mas também os valores e representações sociais, em torno da modalidade feminina, entendidos pela sociedade brasileira naquela época.

Na primeira edição do novo editorial, abril de 1995⁴, Juca Kfourri anuncia para o público o projeto “verdadeiro revolucionário” da *Placar*. O jornalista comenta sobre a contratação de Roger Black, diretor de arte, Marcelo Duarte, diretor de redação, Alfredo Ogawa, redator chefe, Ricardo Correa, fotógrafo e editor de fotos, Lenora de Barros e Francisco Milhorança, diretores de arte. E por último e mais importante, anuncia o novo objetivo da *Placar*: “A intenção não deixa por menos: nosso compromisso é o de fazer um revista de futebol e comportamento como nunca se fez, nem no Brasil, nem no mundo.” (KFOURI, 1995, p.8)

A partir deste compromisso, outros temas viram assuntos de reportagens e matérias dentro da *Placar*, o novo sumário conta com seções como “Moda”, “Comportamento” e “Sexo”. Em suas novas páginas, há uma série de conselhos e repostas para dúvidas de como se vestir de acordo com a moda dos anos 1990, se comportar dentro e fora de campos e também com uma seção só de assuntos sobre relações sexuais heteronormativas.

Outra parte é a “Cartas”, espaço nas primeiras páginas dos exemplares em que algumas cartas, enviadas para a Revista, são selecionadas, publicadas e respondidas pelos editores. Nestas páginas,

⁴ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1102, abril de 1995.

podemos observar diretamente a reação dos leitores em relação à mudança da revista e também a algumas reportagens que foram publicadas:

Fiquei emocionado com a nova PLACAR. Gol de letra, bicicleta no ângulo, tabelinha na pequena área, pique de 100 metros, matada no peito, passe de trivela - a edição tem isso e muito mais (PLACAR, maio de 1995, p.20).

Confesso que fiquei surpreso quando cheguei na banca e o jornaleiro me mostrou aquela imensa revista. Foi uma inovação e tanto. Quero parabeniza-los pelas reportagens e fotografias. Era o que nós, amantes do futebol, precisávamos. (PLACAR, maio de 1995, p.21)

Entretanto, nem todos os leitores gostaram da nova cara da *Placar*: “A Playboy traz mulheres mais bonitas e o espaço para o futebol ficou muito pequeno, tá?”⁵ e “Alguns (poucos, é verdade) reclamam da falta de cobertura de jogos, como fazíamos antigamente.”⁶ foram opiniões contrárias encontradas à reformulação da revista.

Mas a *Placar*, fiel ao seu público, não ignorou as críticas e respeitou os interesses de seus leitores. Para dar conta de ser um periódico de comportamento e de futebol, voltou com o *Tabelão*, material adicional com estatísticas, gráficos e curiosidades sobre as rodadas dos campeonatos nacionais. Além disso, a revista também diminuiu de tamanho em 1996, já que leitores relataram problemas em transportar a revista, folheá-las e guardá-las para colecionar devido a suas dimensões.

Nos exemplares de 1995, estas dimensões da revista correspondiam a 28 cm de largura x 36 cm de altura, com a mudança em 1996, passou a ser 22,5 cm de largura x 30 cm de altura. Outra mudança ocorreu em 1998 para um tamanho de 20 cm de largura x 26,5 cm de altura.

Além das alterações no tamanho da revista, *Placar* contou com notáveis alterações durante o editorial. A demissão de Juca Kfoury em 1995, após 22 anos na *Placar*, que foi substituído por Marcelo Duarte, novo diretor de redação. Para mais, a política editorial Futebol, Sexo e Rock and Roll foi publicada pela última vez em outubro de 1997⁷, pode-se notar que o slogan sai

⁵ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1103, maio de 1995, p.21

⁶ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1109, novembro de 1995, p.12

⁷ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1132, outubro de 1997.

de suas capas, mas que os temas característicos do editorial permanecem em suas páginas até fevereiro de 1999 (PEREIRA; PONTES; JÚNIOR, 2019).

Seu público era considerado “Esportes” pela *Editora Abril*, que divulgava, junto às páginas da *Placar*, os nomes de suas outras revistas de acordo com o público alvo. A revista *Playboy* era considerada “masculinas”, a *Claudia*, *ELLE*, *Nova*, *Manequim*, *Ponto Cruz*, *Capricho* eram as “femininas” e a *Placar* considerada como “Esportes”, sem definição de gênero⁸. Entretanto, Marcelo Duarte, diretor da Revista naquela época, já admitia que o público alvo tinha uma definição de gênero e de idade: homens adolescentes e jovens adultos (LEAL; MESQUITA, 2021).

No mesmo ano que a *Placar* renascia, o futebol de mulheres conquistava o campeonato Sul-americano na cidade de Uberlândia em uma campanha invicta de cinco jogos, 44 gols marcados e apenas um sofrido (DOS SANTOS, 2023). A década após a revogação da Lei foi marcada por grande notoriedade e visibilidade da modalidade com a participação e conquista da Seleção Feminina em eventos internacionais.

Para Pereira, Pontes e Junior (2019), a participação na Copa do Mundo Feminina em 1995 e nos Jogos Olímpicos em 1996 contribuiu para uma maior cobertura pelos veículos de comunicação. Entretanto, não foi este futebol que as reportagens, da *Revista Placar*, narraram.

A representação, da modalidade, escolhida pela *Placar* compactuou com os interesses de seus consumidores, que rendiam mais dinheiro para os seus bolsos. Marcelo Duarte, diretor da Revista, confessa que o futebol de mulheres retratado era voltado a beleza das jogadoras:

Não existia o respeito que se tem hoje. Você ficava procurando para ver se tinha alguma jogadora bonita para fazer foto dela. Você não via o futebol, você tentava ver as jogadoras. [...] ‘Ah, a Bel posou na Playboy. Ah, então vamos fazer uma matéria com ela também bem bonita?’ Era assim, ficar procurando... Você não dava respeito ao esporte, ficava procurando jogadoras. Hoje mudou totalmente. Ainda bem. Hoje, você olha o futebol, você vê a competição, a performance. Você não quer garota bonita, quer medalha, quer a que ganha troféu (LEAL, 2020, p.120).

⁸ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1102, abril de 1995, p.12

De acordo com Souza e Knijnik (2007), a imprensa fortalece socialmente a representação de um grupo ao reproduzir imagens e textos, mas que nem sempre condizem com a realidade. Com o debate de gênero de Scott (1995), é possível entender que esta representação social não pode ser vista como unanimidade ou verdade absoluta, já que outras versões estão sempre em conflito.

Ao transportar estas duas ideias para o futebol de mulheres representado na *Revista Placar*, esta reprodução predominante é atravessada por uma relação de poder masculina. Estampada, majoritariamente, pela beleza e sensualidade de um padrão de beleza branco, a imagem da mulher é estruturada para ser vendida e consumida pelos novos e velhos clientes da *Placar*.

Para além da beleza e sensualidade, o futebol de mulheres também é estampado de maneira fracassada. Sendo ressaltadas, as partidas perdidas pela Seleção Brasileira Feminina e não sendo retratados os campeonatos ganhos internacionalmente, já os times nacionais não foram mencionados e representados ao serem campeões de algum torneio.

Diante disso, será apresentado, a partir da análise histórica de 47 exemplares, de que modo estas representações do futebol de mulheres aconteceram nas páginas da revista ao longo do editorial e como as representações de outros futebolis femininos resistiram nesta imprensa esportiva. Para isto, o capítulo será discutido em volta de três principais temas: a representação da modalidade de mulheres, o padrão branco de beleza e o “homossexualismo”⁹.

Entre 47 exemplares analisados durante o mês de abril de 1995 a fevereiro de 1999, período do editorial *Futebol, Sexo e Rock and Roll*, apenas 16 exemplares contaram com reportagens sobre o futebol de mulheres, representando uma porcentagem de 34%. Destes 16 exemplares, 19

⁹ O termo “homossexualismo” era a forma que a *Placar* se referia a homossexualidade mesmo após 5 anos a Organização Mundial de Saúde em 1991 desclassificá-la como doença.

reportagens são sobre a modalidade, contando com três revistas¹⁰ com mais de uma reportagem (Tabela 1).

Tabela 1 - Quantidade de reportagens em relação ao ano de publicação e a dimensão da Revista

Ano de publicação e tamanho da revista (cm)	Quantidade de reportagens
1995 (28 cm x 36 cm)	3
1996 (22,5 cm x 30 cm)	9
1997 (22,5 cm x 30 cm)	4
1998 (20 cm x 26,5 cm)	3
1999 (20 cm x 26,5 cm)	0

Pode-se notar um aumento no número de reportagens do ano de 1995 para o ano de 1996, passando de três para nove matérias. Este aumento na cobertura midiática da *Placar* pode ser entendido pela campanha surpreendente da Seleção Brasileira Feminina nos Jogos Olímpicos de 1996 (PEREIRA; PONTES; JÚNIOR; 2019). Entretanto, nos anos de 1997, 1998 e 1999, se observa uma drástica diminuição do futebol de mulheres na revista *Placar*, que pode ser entendida pela mudança de política editorial em 1997.

Em 1997, quando *Futebol, Sexo e Rock and Roll* sai das capas da *Placar* devido à mudança de política editorial do periódico, aparentemente o futebol de mulheres também sai de cena. Isto se deve ao fato de os editores e a revista entenderem a modalidade não como uma face do futebol no Brasil, mas como tema de entretenimento de interesse do público deste editorial. Então quando se altera o slogan, o futebol de mulheres parece não ser mais de interesse para a *Placar*.

¹⁰ Exemplar de julho de 1996 (nº1117), setembro de 1996 (nº1119) e maio de 1997 (nº1127)

Apesar de 19 matérias serem só sobre o futebol de mulheres, elas se apresentam em diversas seções da revista, um total de oito seções diferentes. Fato que mostra que estas reportagens não tinham uma linha de pensamento ou editorial para serem apresentadas.

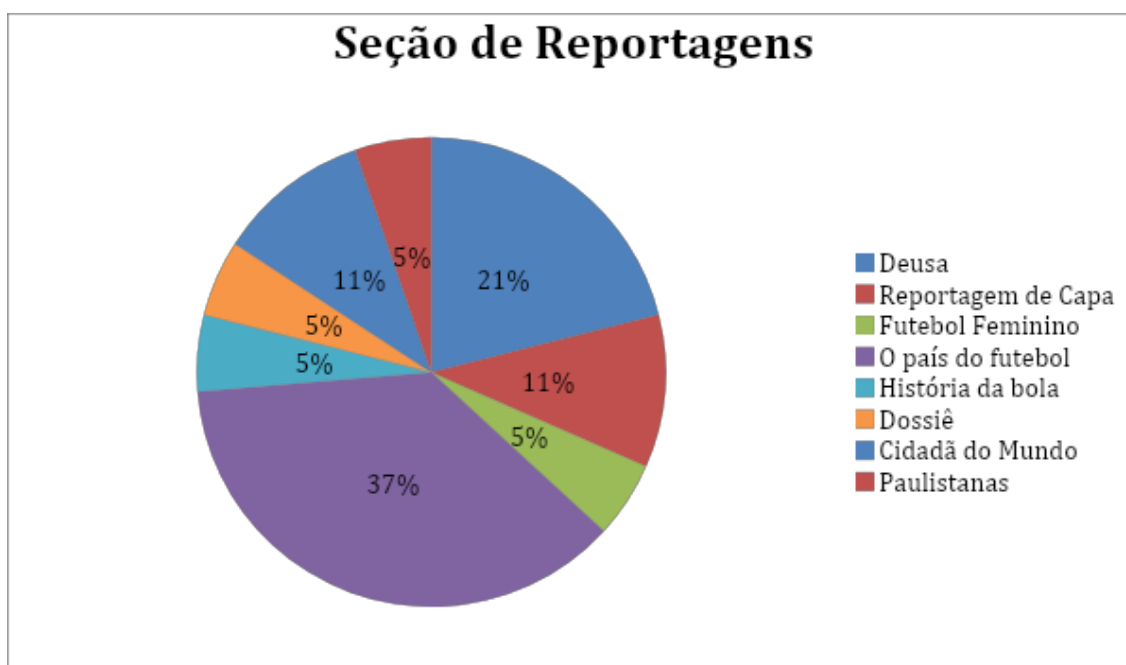


Figura 2 - Gráfico de porcentagem com número de reportagens em cada seção da Placar

No gráfico (Figura 2), pode-se observar que a seção que mais apresentou reportagens sobre o futebol de mulheres foi “O país do Futebol”, com sete reportagens. Esta seção aparecia nas primeiras páginas dos exemplares e tinha diversas pequenas matérias sobre diversos assuntos sobre o futebol, como se fosse um espaço de curiosidades e rápidas leituras. A seção seguinte com maior representação é a “Deusa”, caracterizada por fotos em páginas duplas de jogadoras em poses sensuais e poucas vestimentas¹¹.

Seções que apresentaram reportagens mais aprofundadas sobre os assuntos, como “Dossiê”, “Reportagem de Capa”, “História da Bola”, “Futebol Feminino”, “Cidadã do Mundo” e “Paulistanas” apresentam um ou duas matérias ao longo do editorial. Além disso, algumas seções foram criadas

¹¹ A seção “Deusa” será analisada de maneira mais desenvolvida no Capítulo 3, item 3.2.

especificamente para tratar do futebol de mulheres, como “Futebol feminino” e “Paulistanas”, mas ambas contam somente com uma reportagem e não tiveram sequência em nenhum outro exemplar.

Em relação aos assuntos tratados nestes exemplares, foram divididos por representação de modalidade, Seleção Brasileira e jogadoras.

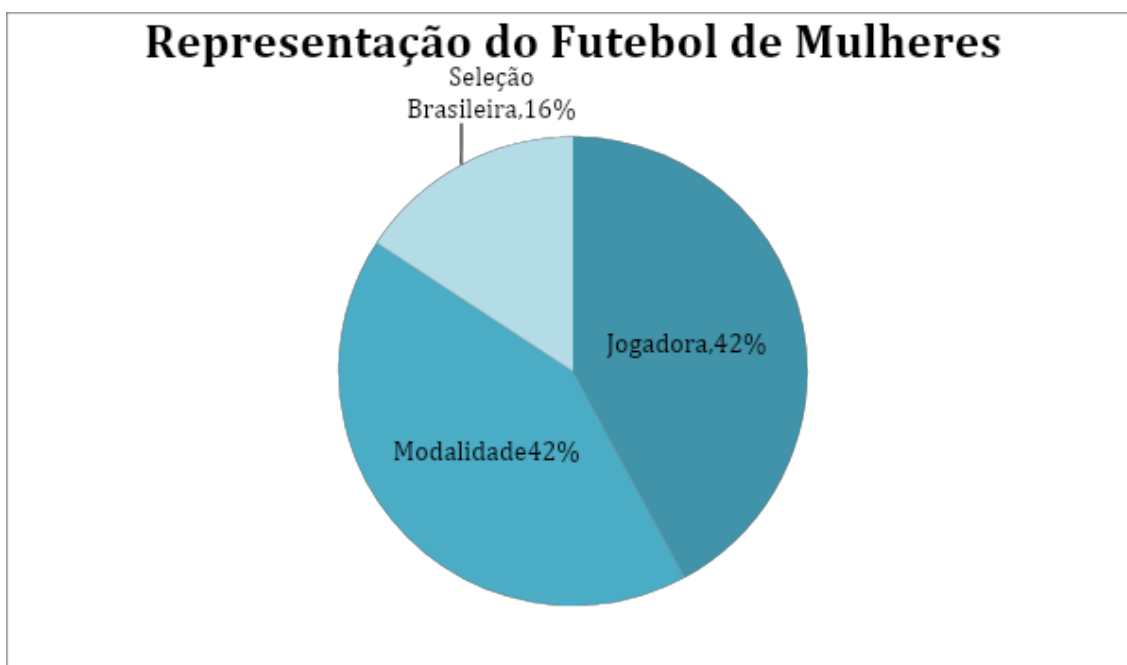


Figura 3 – Gráfico de assuntos predominantes na representação do futebol de mulheres na Revista Placar

No gráfico acima (Figura 3), pode-se notar que a predominância de assunto foi pelas jogadoras em reportagens sem algum vínculo com nenhum clube ou Seleção Feminina e de times nacionais. Dentro das oito reportagens sobre as jogadoras, quatro são na seção “Deusa” em que se priorizava fotos sensuais, três na seção “O país do Futebol” com reportagens rápidas sobre elas e uma apenas na “Cidadã do Mundo” com uma entrevista da jogadora Michael Jackson.

Já nas oito reportagens sobre a modalidade em si metade delas (4) são sobre, exclusivamente, os times de mulheres modelos existentes na época¹², em que não era permitido nenhuma atleta profissional jogar. As outras

¹² Os times de modelos também serão analisados no Capítulo 3, item 3.2.

4 reportagens se dividem entre o Piranhas, time alagoano, Campeonato Carioca, Campeonato Paulista (Paulistanas) e Campeonato Juvenil de Favelas.

Apesar de estas quatro reportagens sobre a realidade dentro de campo de times e atletas profissionais estarem em seções mais especializadas, a representação e ilustração destas reportagens não condizem com a modalidade e será analisada no próximo item.

Portanto, ao analisarmos as 19 reportagens de 16 exemplares encontrados se notam uma maior cobertura no ano de 1996, uma predominância de assuntos voltados a jogadoras, na seção “Deusa” e times de modelos, no assunto modalidade, e uma predominância em seções de “Deusa” e “O país do futebol”.

3.1 “O futebol enGatinha”

Ao folhear as páginas da *Revista Placar*, somente 16 exemplares entre 47 do editorial contém reportagens sobre o futebol de mulheres, um percentual de 34% do total. Destes 16 exemplares, somente sete reportagens são sobre a modalidade e nem todas são da realidade do futebol praticado dentro de campos, quatro são, exclusivamente, sobre os times de modelos e seus eventos realizados na década de 1990.

A representação do time de modelos e seus eventos na *Placar*, como Limelight e Ford Models, serão debatidos no próximo item junto a representação das atletas.

Portanto, para o debate sobre a representação da realidade dentro de campo, as sete reportagens analisadas foram sobre a modalidade em si, retratada pela Seleção Feminina e outros times nacionais, como o Piranhas e o São Paulo.

A primeira aparição deste tema foi em agosto de 1995¹³, estampando a capa da Revista com título “Futebol Feminino: As garotas batem um bolão (e até trocam as camisas depois do jogo!)” (Figura 4). Nesta edição, o futebol

¹³ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1105, agosto de 1995.

feminino fez parte da seção “Reportagens” e contou com oito páginas de matéria.



Figura 4 - Capa da Revista Placar, edição 1105 (1995)

Metade destas oito páginas eram fotos em face dupla de mulheres brancas, magras, cabelos lisos, com poses sensuais com partes do corpo à mostra e vestindo roupas curtas, nada semelhantes ao uniformes oficiais (Figura 5).



Figura 5 - Modelos representando jogadoras com uniformes curtos e poses sensuais

As duas primeiras páginas contavam com pequenos trechos escritos sobre o crescimento da prática, depois da revogação da Lei 3.199/41 e da Copa do Mundo, com a presença de mil times amadores pelo país e escolinhas por todo o país “cheias de garotas querendo aprender a dar um chute direito, a driblar a adversária”¹⁴. Já as duas últimas, são fotos de mulheres seminuas representando a “troca de camisetas” entre jogadoras, prática comum entre jogadores e jogadoras após o fim de uma partida.

Vale destacar que o texto de “melhor do jogo” reforça a ideia de que a sensualidade, representada pela troca de camisetas, é de maior interesse ao editorial do que a prática esportiva das mulheres. Além disso, a prática comentada, aqui, como “comum” não se dá pela presença de mulheres seminuas em campo como na representação fotográfica, mas sim no ato de trocar a camiseta com a adversária após o encerramento de uma partida.

Já a página seguinte relatava sobre o “Esquema Amador”, título da reportagem, em que a modalidade feminina estava inserida devido a falta de organização dos clubes nacionais e da Seleção Feminina. A representação

¹⁴ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1106, agosto de 1995, p.33.

fotográfica desta página se dá por uma grande foto de duas jogadoras da Noruega e da Alemanha na Copa do Mundo em 1995 e uma pequena foto da jogadora brasileira Solange Barros (Figura 6).



Figura 6 - Reportagem da Copa do Mundo 1991 (esquerda) e quadro comparativo entre homens e mulheres (direita)

Na próxima página da matéria, a *Revista* apresenta uma foto da Sarah McCormack do time Saad, junto a dados comparando características físicas e habilidades motoras entre homens e mulheres. A comparação ressalta a superioridade que os homens possuem em relação às mulheres, como a força e a velocidade (Figura 6). As mulheres só ganham em características que já são denominadas “femininas”, como a agilidade e a flexibilidade.

Entre as duas páginas seguintes, a Liga Estadual de Beach Soccer feminina é dada como novidade com 16 times filiados e 600 mulheres participantes. Ademais, contatos de escolinhas para garotas estampam o rodapé das páginas.

“O que as mulheres têm para ensinar aos homens?” é o título da última página da reportagem sobre o futebol de mulheres da edição de agosto de 1995. O charme, a união, a disposição, a humildade, o esforço e a malícia são as características que os homens precisam aprender com o futebol de

mulheres, uma vez que são considerados, na revista, como seres mais brutos e menos dispostos a aprender assuntos novos.

A modalidade só voltou a virar reportagem em Abril de 1996¹⁵, na seção “História da bola”, sobre o time de futebol de mulheres na cidade de Piranhas em Goiás. A reportagem começa com um trocadilho entre o nome do time, que leva o nome da cidade, Piranhas, e as jogadoras: “Elas não usam batons de cores berrantes, nem fazem fiu-fiu para o primeiro que passa. Mas são, com muito orgulho, o primeiro e único time de futebol de Piranhas.”¹⁶

A matéria tem um teor mais jornalístico com a apresentação e história do time e de suas jogadoras, entretanto não deixam de representar a imagem da jogadora “craque”, Gleicilvane Santos, e a considerada a mais bonita, Gleidimar Barbosa, uma mulher branca e loira (Figura 7).



Figura 7 - Reportagem sobre o time Piranhas

Em Julho¹⁷, do mesmo ano, a Seleção Feminina do Brasil foi retratada junto a uma reportagem jornalística sobre a vida da jogadora Michael Jackson, Mariléia dos Santos. A pequena reportagem conta a entrada nas

¹⁵ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1114, abril de 1996.

¹⁶ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1114, abril de 1996, p.39.

¹⁷ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1117, julho de 1996.

“portas do fundo” para os Jogos Olímpicos, uma vez que só disputou devido ao regulamento do Comitê Olímpico Internacional que não reconheceu a Inglaterra como um país, somente a Grã-Bretanha, e convocou o Brasil para substituí-la. Importante ressaltar que em 1996, ano olímpico, a Seleção Feminina só virou pauta na revista no mês do campeonato, ao contrário da Masculina que contou com matérias em outras edições.

Após a atuação do Brasil, a modalidade feminina voltou a *Placar* em setembro¹⁸ com uma matéria mais extensa, com o título “Valeu, meninas! E agora?”, sobre a trajetória antes e durante os Jogos Olímpicos de Atlanta de 1996 na seção Dossiê, caracterizada por matérias mais aprofundadas.

Antes da competição, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) entregou para uma empresa terceira, Sport Promotion, as responsabilidades da modalidade até o Campeonato Mundial de 1999, mostrando o descaso da entidade com o futebol de mulheres, *Placar* relata que “para a CBF, futebol é um esporte de macho”¹⁹. Além da negligência da CBF, a revista relata outros comportamentos que limitaram a atuação individual e coletiva da seleção. Sem uma estrutura profissional na época, a maioria das jogadoras tinham que complementar sua renda de outras formas, seja jogando futebol de salão (atual futsal) como a atleta Sissi ou trabalhando em outros lugares, como a Cenira, dona de um trailer de lanches.

A reportagem ainda conta que a própria jogadora Sissi, estrela da seleção, recebia só 500 reais por mês e foi negada, junto com a Marcia Taffarel, pelo diretor da CBF, Luís Miguel de Oliveira, a receber um contrato de seis mil dólares da Mizuno. O gerente de Marketing da Mizuno procurou o diretor para oferecer a quantia em troca das jogadoras usarem as chuteiras de sua marca, mas Luís respondeu que “não era hora para negócios desse tipo”

²⁰.

Para além do lado financeiro, a *Placar* relata polêmicas, por meio de Cenira, capitã da Seleção, envolvendo a convocação das atletas para os Jogos Olímpicos. A jogadora denunciou que Romeu Castro, diretor da empresa

¹⁸ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1119, setembro de 1996.

¹⁹ IDEM, p.47.

²⁰ IDEM, p.49

responsável pela Seleção, Sport Promotion, convocou as jogadoras para o campeonato, papel do técnico Zé Duarte e cortou jogadoras do time de Eurico Lira, diretor do Esporte Clube Radar por questões pessoais. Romeu Castro negou as polêmicas e se justificou diante das acusações.

As polêmicas envolvendo Eurico Lira não acabaram por aí, a reportagem ainda conta a história do Esporte Clube Radar. O destaque não foi na sua trajetória espetacular de 296 vitórias, dois pentacampeonatos no brasileiro e paulista ou na denúncia do trabalho escravo realizados pelas jogadoras por parte do clube e sim por uma fofoca, sobre a relação sexual da jogadora Márcia Honorário com Eurico Lira.

Outra “polêmica” relatada sobre a sexualidade das jogadoras em torno da modalidade feminina, o termo “homossexualismo” aparece nas páginas da *Placar*, principalmente em uma história em quadrinhos sobre a “história da bola” voltada somente para “fofocas” lésbicas de times nacionais e internacionais desde 1920. A sexualidade das jogadoras da seleção também foi pauta na entrevista para Zé Duarte, técnico da seleção na época, uma das perguntas eram sobre “as histórias do homossexualismo” na seleção brasileira, pauta que apresenta ser mais importante que o desempenho delas dentro de campo.

Esta entrevista de Zé Duarte conta com perguntas nada esportivas sobre a seleção feminina, sendo uma delas sobre a não convocação das jogadoras “mais bonitas do futebol brasileiro”²¹, a Bel (Isabel Cristina de Araújo) e a Duda (Eduarda Luizelli). A resposta do técnico foi que as duas jogadoras não estavam no nível da seleção feminina e por isso, foram cortadas.

A beleza das jogadoras em campo apresentava-se como algo significativo para a *Placar* nesta reportagem, uma vez que a revista anunciava uma renovação no futebol de mulheres pela entrada de novas jogadoras e a aposentadoria de atletas da década de 1980. Esta mudança aconteceu pela entrada de meninas e mulheres de classe média provenientes das escolas de futebol, colégios particulares e time de modelos que, diferente das jogadoras

²¹ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1119, setembro de 1996, p.49.

mais velhas, agora possuem mais oportunidades, citado no texto, como as bolsas de intercâmbio para universidades americanas.

Entretanto, a mudança para a revista se dá, principalmente, pela beleza das jogadoras dentro de campo. “O que não falta hoje é garota bonita jogando futebol”²² afirmou Duda jogadora do Internacional, que também declarou que a beleza das jogadoras é ponto crucial para a visibilidade da modalidade feminina. Deve-se ressaltar que as mulheres que compõem a seleção feminina em meados de 1995 eram mulheres negras vinda de classes sociais mais baixas e que tiveram a sua inserção no futebol regada pela proibição do Decreto-Lei 3.199/41.

Portanto, para a *Placar*, a entrada das “patricinhas de classe média” aparenta ser um fator positivo para a modalidade feminina, uma vez que representam um padrão de beleza esperado nas partidas de futebol tanto pelos periódicos quanto pelos leitores-clientes da Revista. Se as duas mulheres mais bonitas não foram convocadas, fica subentendido que as mulheres convocadas não eram consideradas bonitas para a revista. Este padrão de beleza será debatido no próximo item.

No subtítulo desta matéria, fica evidenciado que as atletas, após os Jogos Olímpicos, querem “além de superar os traumas de um passado recheado de histórias de homossexualismo, querem acabar com as fofocas do presente para que o futebol feminino possa estourar”²³. Entretanto, a *Placar* não respeitou a vontade das jogadoras brasileiras e transformou as páginas deste exemplar em polêmicas e fofocas sobre a vida pessoal e sexual das atletas.

O futebol de mulheres voltou a virar pauta só no ano seguinte, em março de 1997²⁴ com uma reportagem, de capa na seção exclusiva Paulistanas, sobre o futebol carioca. “Quem disse que o futebol carioca está em baixa? Basta examinar o timaço feminino que disputará o estadual e

²² IDEM, p.47.

²³ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1119, setembro de 1996, p.46.

²⁴ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1125, março de 1997.

perceber que há bons motivos para lotar as arquibancadas”²⁵ é o subtítulo da reportagem.

O timaço era referente às atletas Susana Werner, Fernanda Chuquer do Fluminense e Priscila Ribeiro e Amanda Carreiro do Fogatas, equipe do Botafogo e os bons motivos eram retratados pelas fotos posadas com roupas minúsculas das jogadoras. (Figura 8). A matéria que aparentava ser sobre a estréia do Campeonato Carioca de 1996, na verdade era sobre a vida íntima das jogadoras. Seis páginas detalharam a vida pessoal de cada jogadora, com perguntas íntimas sobre sua vida sexual e a preferência de jogadores brasileiros. Além disso, a revista não deixou de comparar os times femininos e as jogadoras com a modalidade masculina, como por exemplo Susana, que para a revista, “é veloz e atrevida, um estilo muito parecido com o de seu namorado, Ronaldinho”²⁶



Figura 8 - Reportagem sobre Susana Werner, Fernanda Chuquer, Priscila Ribeiro e Amanda Carreiro

O primeiro Campeonato Paulista também foi retratado nesta edição, mas pela perspectiva da *Placar* com a representação de Cléo Brandão, a

²⁵ IDEM, p.23.

²⁶ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1125, março de 1997, p.23.

apresentadora esportiva da Tv Bandeirantes que ganhou espaço no time do São Paulo por treinar no “Rivelino”²⁷. A reportagem não traz notícias e informações sobre o novo campeonato e nem outras jogadoras de grande nome que jogavam no mesmo time de Cléo, como a atacante Sissi e volante Formiga (Figura 9).



Figura 9 - Reportagem sobre Cléo Brandão

O Paulistanas, primeiro campeonato paulista feminino, foi retratado na edição de maio de 1997²⁸, com um título subjetivo de “O futebol enGatinha”. Ao contrário da reportagem de março, esta conta com informações sobre o campeonato, as torcidas no estádio, a audiência nos jogos transmitidos e as jogadoras destaques, mas lógico, sempre sob uma perspectiva da *Placar*. Além

²⁷ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1125, março de 1997, p.29.

²⁸ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1127, maio de 1997.

disso, é a primeira e única grande reportagem da modalidade que não possui fotos posadas com teor sexual e sim, imagens de atletas em campo durante as partidas (Figura 10).



Figura 10 - Reportagem sobre Paulistanas

O campeonato estava começando em maio de 1997 e em sua terceira rodada, contava com times conhecidos como São Paulo e Corinthians, mas também com quatro times universitários como a USP e para a *Placar*, o futebol feminino engatinhava dentro e fora de campo.

Dentro de campo, de acordo com a revista, o nível técnico, comparado ao masculino, era muito abaixo, os jogos eram “ruins” e havia grande desnível entre os times participantes, mas isto gerava um maior número de gols por partida e gols espetaculares, fato que poderia atrair um maior número de torcedores e torcedoras.

Já fora de campo, contava com um público pequeno dentro das arquibancadas, menos de mil torcedores e torcedoras por partida, mas com um número relevante de espectadores em jogos televisionados com “4 pontos, 1 milhão de espectadores no Brasil”²⁹. Os rodapés da reportagem contam com uma seção “O que eu tô fazendo aqui?” com entrevistas de torcedores e torcedoras presentes em uma partida, não mencionada, do Paulistanas.

²⁹ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1127, maio de 1997, p.41.

Os motivos da presença no estádio são diversos, mas a pergunta do título se torna subjetiva e entende-se que as pessoas presentes não estariam ali por vontade própria ou pelo interesse na modalidade, mas sim acidentalmente, como se não tivessem menor intenção de estar ali prestigiando a partida.

Outras jogadoras são retratadas do São Paulo, como Sissi, e também do Corinthians, como Roseli. Entretanto, a *Placar* não esqueceu de mencionar Cléo Brandão, repórter jogadora do São Paulo e nem de Milene Domingues, do Corinthians, ambas reservas de seus respectivos times. De acordo com a revista³⁰ “as bonitinhas costumam sentar no banco de reservas e os jogos ainda não são dos mais atraentes”.

Se as bonitinhas estavam no banco de reservas, as mulheres feias, para a *Placar*, estariam dentro de campo. A revista então, ressalta a aparência física das atletas e as categoriza como feias e bonitas a partir de um padrão de beleza que será debatido no próximo item.

Mesmo não sendo atraentes, as partidas do Paulistanas eram de extrema importância para a modalidade do Brasil. A Sport Promotion, empresa terceirizada contratada pela CBF para cuidar do futebol feminino, estava organizando o campeonato e o usaria como vitrine para formar a base da Seleção Feminina para a Copa do Mundo de 1999 e para os Jogos Olímpicos de 2000.

A última reportagem sobre a modalidade aparece só em setembro de 1998³¹, mais de um ano e meio depois do Paulistanas e no final do editorial *Futebol, Sexo e Rock and Roll* na seção “O país do futebol”.

No canto da página, a pequena matéria era sobre Júnior Baiano versus Parmalat, duas atletas, Fabiana de Souza e Marcilene Gonçalves, respectivamente, do Campeonato Juvenil de Favelas do Rio de Janeiro. *Placar* não deixou de representar sua perspectiva e retratou, Marcilene como “branquinha como um copo de leite, olhos verdes e apenas 1,68m, “Parmalat”

³⁰ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1127, maio de 1997, p.38

³¹ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1143, setembro de 1998.

leva a torcida ao delírio”³², já Fabiana de Souza, mulher negra, não foi descrita nada além de seu nome.

É possível analisar que as reportagens sobre o futebol de mulheres, seja sobre a Seleção Brasileira ou de times nacionais, tiveram um aumento nos anos de 1996 e 1997, mas desapareceram em 1998 e 1999. Em 1995, a modalidade apareceu somente uma vez na revista, enquanto em 1996 e 1997, contabilizaram cinco reportagens e em 1998, somente uma.³³

Pereira, Pontes e Junior (2019) afirmam que a participação em campeonatos internacionais aumentaram a cobertura midiática da modalidade, então, pode ser entendido que este aumento de reportagens em 1996 e 1997, seja resultado da campanha de quarto lugar da Seleção nos Jogos Olímpicos de 1996.

Ao contrário da reportagem de 1995³⁴, os exemplares de 1996 e 1997 têm um teor mais jornalístico e denunciam assuntos sobre a realidade das jogadoras e dos times femininos, como os salários pequenos comparados aos dos homens e o desapareço da CBF, que contratou uma empresa terceira, Sport Promotion, para cuidar da modalidade.

Além disso, também retratou campeonatos importantes que estavam se iniciando no país como o Campeonato Carioca no Rio de Janeiro, o Paulistanas em São Paulo e o Campeonato Juvenil de Favelas do Rio de Janeiro. Importante ressaltar a presença de competições diversas e organizadas de maneira mais séria nesta década, algo que seria impossível na década passada devido ao Decreto-Lei 3.199/41.

Entretanto, a *Placar* selecionou os campeonatos e times que estampariam as páginas de seus exemplares e, conseqüentemente, representariam o futebol de mulheres para seus leitores.

Além do Mundial de 1995 e os Jogos Olímpicos de 1996, a seleção brasileira participou em 1995, triunfalmente, do Campeonato Sul-Americano em Uberlândia e saiu campeão invicto. O mesmo aconteceu no Sul-Americano em 1998 na Argentina, em que a seleção se tornou campeã invicta e com um saldo

³² IDEM, p.32.

³³ Rever Tabela 1.

³⁴ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1106, agosto de 1995.

de quarenta e oito gols marcados e somente um sofrido. A única representação destas conquistas brasileiras na revista é na seção “Cartas” em maio de 1998 em que um leitor elogia a campanha da Seleção (Figura 11).

As meninas do Brasil

Parabéns à Seleção Brasileira feminina pela conquista do Campeonato Sul-Americano de Futebol. Dentro de campo, as nossas meninas mostraram humildade e vontade de vencer. Elas dão exemplo a muitos marmanjos, preocupados apenas com suas fortunas.

Gustavo Cristiano Sampaio
Curitibanos, SC

Figura 11 - Carta de um leitor sobre o Campeonato Sul-Americano de 1998

Para mais, o campeonato Paulistanas aparece nas páginas de maio de 1997³⁵ na seção “Paulistanas”, aparentando ser uma categoria criada, exclusivamente, para cobrir as partidas ao longo do torneio. Entretanto, esta é a única reportagem sobre o campeonato e a última informação é também uma carta, em outubro de 1997³⁶, de um leitor solicitando que a *Placar* postasse um pôster do time do São Paulo de campeão do Paulistanas e como resposta, obteve uma foto minúscula e recortada de seu time e a resposta “Tome uma foto e olha lá...”³⁷ (Figura 12).

³⁵ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1127, maio de 1997.

³⁶ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1132, outubro de 1997.

³⁷ IDEM, p.9.



Figura 12 - Carta de um leitor sobre o São Paulo, campeão do Paulistanas

A *Placar* durante seus quatro anos de editorial *Futebol, Sexo e Rock and Roll* não se dedicou a publicar uma matéria, seja grande ou pequena, na seção “O país do futebol” ou “Dossiê” sobre qualquer conquista de qualquer time de mulheres, as publicações sobre a modalidade sempre estiveram em torno do fracasso feminino no futebol dentro de campo. Para Souza e Knijnik (2007), a maioria das pessoas só tomam conhecimento de eventos esportivos através da mídia, portanto a imagem que a *Placar* veicularizou para a população foi de uma modalidade fracassada, sem grandes vitórias.

Até a conquista histórica do quarto lugar nos Jogos Olímpicos teve um teor pessimista e a *Placar*, como veículo de informação, não levou em conta que as mulheres foram proibidas, por 40 anos, pelo Estado de praticarem a modalidade e tampouco a Confederação Brasileira de Futebol deu algum suporte para a modalidade no Campeonato. O quarto lugar é uma conquista heróica para as mulheres, daquela época, que foram negadas pelo Estado e negligenciadas pela maior entidade de futebol do país.

“Valeu, meninas. E agora?” era o título da reportagem sobre os Jogos Olímpicos, em setembro de 1996³⁸, e que poderia ser respondida, posteriormente, pela conquista triunfal do Sul-Americano em 1998 ou pela criação de campeonatos, estruturados, no Rio de Janeiro e São Paulo. Mas nada foi respondido pela *Revista* e a ausência de reportagens sobre os triunfos

³⁸ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1119, setembro de 1996, p.46.

da modalidade mostra que o desenvolvimento e êxito das mulheres dentro de campo, da época, não eram pautas midiáticas e nem de interesse social dos leitores. O fracasso das mulheres aparenta ser de maior interesse para o periódico e seus clientes, uma vez que a sociedade na década de 1990 ainda sofria com os pensamentos de que o futebol não era um espaço feminino e que há uma superioridade masculina, ideia que não pode ser contestada numa lógica patriarcal e machista.

Ao compararmos com a modalidade masculina, a *Placar* nunca negligenciou qualquer conquista da seleção masculina durante o editorial, seja em campeonatos pequenos ou grandes. Em 1996, ano olímpico e em 1998, ano da Copa do Mundo masculina, diversos exemplares eram destinados somente com reportagens e entrevistas exclusivas da seleção masculina para estes campeonatos. Inclusive, a revista contava com edições especiais após cada jogo da Seleção Brasileira Masculina

Além disso, o Campeonato Brasileiro Feminino que voltou a acontecer em 1994 e teve outras versões em 1995, 1996, 1997 e 1998 (SALVINI; MARCHI JUNIOR, 2013) não foi nem mencionado pela revista. Outros times de mulheres com grande prestígio na época também não foram retratados pela *Placar*. O SAAD, principal equipe brasileira na década de 90, foi mencionado em alguns textos e não contou com nenhuma outra cobertura da revista.

SAAD foi o primeiro time do Brasil a estruturar e profissionalizar seu time com um salário mínimo, de 100 dólares para suas atletas e a contratação do técnico Ademar Júnior na década de 1990. Durante a cobertura do edital, conquistou em 1995, pelo sexto ano consecutivo a Copa São Paulo e em 1996 e 1997 o bicampeonato Brasileiro. Em 1998, foi ainda mais ousado, investiu em uma universidade dos Estados Unidos, a National American University e no seu primeiro ano de atuação conveniada, foi campeão do Estado de Dakota do Sul. (SAAD, 2022).

Mesmo com uma estrutura profissional e uma atuação internacional, o SAAD aparenta não ser tão relevante para virar pauta na *Revista Placar*. Os únicos times mencionados em matérias são aqueles já conhecidos pelo futebol

masculino, como o São Paulo, Corinthians, Botafogo e Fluminense. A notoriedade destes times na revista pode ser entendida por se tratarem de clubes masculinos de futebol, foco da *Placar*, diferente do SAAD que trabalham somente com o time de mulheres.

Entretanto a comparação com o futebol masculino vai além dos clubes brasileiros, a *Placar* deixa claro, na maioria dos exemplares, a superioridade dos atletas homens e de seus clubes em relação às mulheres.

Desde as maneiras mais sutis como frases comparando as jogadoras com jogadores masculinos, como Suzana Werner que foi descrita como “espécie de Renato Gaúcho de saias”³⁹ e com “estilo muito parecido com o de seu namorado” na época, Ronaldinho Fenômeno ou com frases debochadas em diversas matérias como “aprender a dar um chute direito”⁴⁰ ou “anda chutando a bola na direção do gol”⁴¹. Se as mulheres ainda estão a aprender a chutar direito para a revista, o termo “direito” se entende como o gesto técnico que os homens realizam, ou seja, as meninas e mulheres precisam aprender a chutar como os homens.

Outra comparação, nada sutil, foi na matéria de agosto de 1995 (Figura 6) em que uma página com o título “Corpo a corpo” conta com dados sobre “glúteos, chute, velocidade, impulsão, pernas, fôlego, agilidade, TPM, seios, força e barriga” de homens e mulheres.

Nos dados, os homens possuem vantagem em capacidades como força na hora do chute, potência, velocidade e capacidade aeróbica. Enquanto as mulheres possuem vantagem em capacidades como flexibilidade, impulsão e agilidade. Fica explícito que as capacidades físicas retratadas como vantajosas nas mulheres são aquelas que são esperadas e foram taxadas como femininas.

Como afirma o estudo de Souza e Knijnik (2007):

No imaginário social coletivo, as conquistas esportivas estão comumente associadas à velocidade, força e resistência; flexibilidade, equilíbrio e graça, ficam em segundo plano. O

³⁹ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1119, setembro de 1996, p.42.

⁴⁰ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1106, agosto de 1995, p.33.

⁴¹ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1132, outubro de 1997, p.33.

esporte assim definido favorece aos homens e colabora para a construção social da hegemonia masculina. (p. 39)

Para Goellner (2005), ainda hoje as representações discursivas reforçam que a beleza e a feminilidade, características femininas, devem ser preservadas nas modalidades femininas. Mesmo que a *Placar* tenha confirmado que usar chuteiras não masculinizava as garotas, diversas informações procuravam afirmar esta beleza e feminilidade no futebol de mulheres.

Nestes mesmos dados sobre as capacidades físicas, “glúteos, seios e barriga” foram retratados e as informações eram que as atletas não correriam o risco de ficarem com a bunda reta como os homens e nem de ficarem gordas, já que o futebol “elimina gorduras e provoca um enrijecimento da região” ⁴².

A afirmação desta beleza e feminilidade se apresenta em todas as publicações, aqui analisadas, sobre a modalidade feminina. Em algumas, contou com a representação do esporte com fotos em face dupla de mulheres seminuas posadas em ensaios fotográficos e outras, menos explícitas, com a representação de jogadoras consideradas bonitas para a revista, como a Cléo Brandão do São Paulo. As imagens selecionadas para ilustrar, principalmente as capas de agosto de 1995 e setembro de 1996, não se assemelham à realidade das partidas de futebol dos campeonatos, internacionais ou nacionais. Para Salvini e Marchi Junior (2013, p.152):

Tais características não refletem a realidade dos campos de futebol brasileiros, inicialmente por se tratarem unicamente de modelos, em seguida por vestirem um uniforme que não é condizente com o uniforme real da Seleção. Embora tenha as mesmas cores, as poses executadas nessa fotografia não são comuns às poses oficiais ou tiradas durante uma partida de futebol feminino, dessa forma, mesmo que tacitamente, as poses, as modelos, o tamanho das roupas, reforçam a distinção entre beleza e sensualidade das modelos [...]

Mesmo que o foco das matérias tenham sido sobre a modalidade em si, não faltou a concentração do periódico em ilustrá-la com fotos sensuais de

⁴² PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1106, agosto de 1995, p.35.

jogadoras escolhidas. Aqui não foram analisadas as notícias da modalidade, que envolviam somente os times de mulheres modelos que não jogavam profissionalmente, mas que ao longo do editorial conta com, exclusivamente, quatro representações.

A *Placar* não foi omissa na representação da modalidade com a participação da seleção brasileira feminina em campeonatos internacionais e com os times e campeonatos brasileiros, mas o teor de noticiabilidade se deu pela beleza e sensualidade das jogadoras. A Revista selecionou, estrategicamente, como representaria a modalidade para seus leitores e prevaleceu as não conquistas da seleção e as atletas consideradas bonitas, mesmo sendo reservas em seus times.

Como mencionado, um periódico, como a revista, não retrata somente o assunto em suas páginas, mas também os valores e representações sociais que o envolvem na sociedade brasileira. Portanto, não é somente a *Placar* e seus editores que entendem o futebol de mulheres na década de 1990 como fracassado ou como uma vitrine para exhibir, sexualmente, mulheres, mas também é a imagem que os brasileiros e brasileiras tinham da modalidade em seu imaginário.

Por fim, é importante ressaltar que outros futebolis de mulheres resistiram durante os anos de editorial e mesmo com poucas ou nenhuma representação se manteve presente dentro de campos. Mulheres como Sissi, do São Paulo na época, ou Roseli, do Corinthians, ilustraram minuciosamente as páginas da *Placar*, mas que dentro de campo foram brilhantes em seus clubes nacionais e na seleção, se consagraram como artilheiras do Campeonato Sul-Americano em 1995 e 1998, respectivamente.

No artigo de Salvini e Marchi Júnior (2013), que também aborda o futebol de mulheres na *Revista Placar* na década de 1990, se buscou “a espetacularização dos corpos ao invés da popularização da modalidade enquanto prática esportiva legítima desse público (p. 158)” e podemos notar isto na análise do próximo item.

3.2 “Gostosa novidade: times femininos”

Outras formas do futebol de mulheres ilustrar as páginas da *Placar* foram com representações individuais de jogadoras, como Bel e Michael Jackson e com os times de modelos da época, como o Limelight.

No total, foram 12 exemplares com estas reproduções, um percentual de 25,5% dos 47 exemplares analisados e de 63,1% das reportagens com o futebol de mulheres como tema. Ou seja, durante o editorial *Futebol, Sexo e Rock and Roll* prevaleceu a representação individual das atletas e dos times compostos por mulheres modelos e atrizes que não jogavam profissionalmente.

Ao analisarmos esta categoria, 8 de 12 reportagens são sobre as atletas da modalidade feminina. Dentro deste grupo, quatro estampam como “Deusa”, “caracterizadas pelo curto texto ilustrado com fotos enormes, em geral em página dupla, de mulheres seminuas, as “musas” (LEAL; MESQUITA, p.26, 2021)

Este segmento da Revista, “Deusa”, era listado em quase todas as revistas do editorial *Futebol, Sexo e Rock and Roll* e contava com grandes fotos de mulheres em poses sensuais, majoritariamente, e pequenos trechos escritos. As mulheres presentes em “Deusa” não necessariamente eram jogadoras, mas possuíam alguma relação com o futebol: eram modelos torcedoras, ex-namoradas ou esposas de jogadores famosos. E nem sempre eram mulheres, algumas adolescentes, menores de idade, também estamparam as páginas.

As quatro jogadoras que estamparam como “Deusa” foram a Bel, Isabel Cristina Nunes, Duda, Eduarda Marranguello Luizelli, Susana Werner que também foi capa da revista e por último, Ticiane Pinheiro (Figura 13).



Figura 13 - Seção "Deusa" de Bel, Duda, Susana e Ticiane, respectivamente.

Isabel Cristina Nunes, mais conhecida como Bel, foi representada na seção "Deusa" em 1995 com uma página dupla de fotos sensuais e um pequeno texto sobre a mudança para seu novo time nos Estados Unidos. A atleta gaúcha foi um dos grandes nomes do futebol feminino, começou no Nonoai Tênis Clube em Porto Alegre, foi reconhecida por jogar no Internacional, no Grêmio e fez parte da seleção feminina (NUNES, 2016). Na época da Revista, estava se mudando para os Estados Unidos para estudar e jogar em um time universitário.

Duda, Eduarda Marranguello Luizelli, em maio de 1996 estava voltando de times italianos, Milan e Verona, para se tornar jogadora do Internacional e foi descrita como "Dunga" do time. Na época, era coordenadora de uma escolinha feminina e jogadora de futebol de salão e para ela, mesmo que o futebol feminino estivesse virando atração, "a beleza das jogadoras ainda

era fundamental para levar os públicos aos estádios”⁴³ (PLACAR, maio de 1996, p. 65).

Já Susana Werner estampou a capa e a seção em setembro de 1996 e contou com um trecho maior de entrevista, com seis páginas. A jogadora do Fluminense e também apresentadora da Globo, posou em muitas fotos sensuais e trechos de entrevistas, em que a *Placar* compara a jogadora a “uma espécie de Renato Gaúcho de saias”.

E, por último, Ticiane Pinheiro, descrita como “boleira de Ipanema”, em abril de 1998⁴⁴, atuava como atacante no time de modelos da Ford Models e diferente das outras jogadoras, não jogava em nenhum time profissional.

Com exceção de Ticiane Pinheiro, as outras mulheres eram jogadoras de times profissionais e foram escolhidas, pela *Placar*, para serem representadas desta forma: fotos posadas sensualmente com vestimentas curtas com pequenos trechos escritos sobre a sua vida profissional e pessoal.

Entretanto, não foi desta forma que retrataram outra jogadora profissional, a Michael Jackson. Michael Jackson, apelido para Mariléia dos Santos, ilustra o exemplar de julho de 1996 na seção “Cidadã do mundo” com uma reportagem sobre sua vida pessoal e a carreira profissional. Esta categoria estava presente em alguns exemplares da revista e contava com entrevistas de diversos jogadores, especialmente em julho, contou com uma jogadora negra como tema principal (Figura 14).

⁴³ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1119, setembro de 1996, p.42.

⁴⁴ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1138, abril de 1998.



Figura 14 - Reportagem sobre Michael Jackson, Mariléia dos Santos.

A reportagem descreve a passagem da jogadora no Torino Calcio Femminile na cidade de Verona, Itália, e a sua adaptação aos solos italianos, devido à culinária, clima e idioma. Além disso, conta sobre a sua relação amigável com o técnico do time, Bersano.

Descrita como “estrela do futebol feminino”, a entrevista da jogadora relata a convocação para os Jogos Olímpicos de Atlanta e sua marca de 1222 gols marcados, “57 a menos do que Pelé” ⁴⁵. dentro todas as reportagens analisadas sobre time femininos ou jogadora, esta se apresenta com mais detalhes jornalísticos, fotos condizentes com a realidade da modalidade e sem teor sensual ou sexual.

As outras três reportagens, sobre jogadoras, compõem a seção “O país do futebol” com pequenas pautas e voltadas mais para curiosidades.

Em dezembro de 1996⁴⁶, o “Desafio das embaixadas” realizado por Milene Domingues e Cláudia Martini que realizaram 5.684 em 47 minutos e 41.788 em 7 horas e 5 minutos, respectivamente, foi relatado na revista. Milene

⁴⁵ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1117, julho de 1996, p.68.

⁴⁶ PLACAR, São Paulo, Editora Abril, edição 1122, dezembro de 1996.

Domingues foi uma grande jogadora da época em que a revista decidiu relatar somente pelas embaixadinhas (Figura 13).

A seguinte aparição é em maio de 1997⁴⁷, “Ronaldinho deixa gata (Susana Werner) no banco”⁴⁸ depois da viagem da jogadora para visitar seu namorado e que ocasionou a perda de vaga em seu time, Fluminense (Figura 14).

A última em outubro de 1997, relata a substituição da própria Susana Werner, que foi cuidar do noivo em Barcelona, pela atacante Alessandra, de 20 anos (Figura 15).



Figura 15 - Reportagens sobre Susana, Milene e Claudia e Alessandra, respectivamente.

⁴⁷ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1127, maio de 1997, p.35.

⁴⁸ IDEM, p. 24.

Para dar sequência a esta análise de representação, serão descritas as quatro reportagens que tiveram os times de modelo como pauta principal. Apesar de se encaixarem como ilustração da modalidade, o debate sobre sua reprodução pela *Placar* se encaixa junto ao de jogadoras.

A primeira aparição de time de modelos, na seção “O país do Futebol, no Editorial foi em novembro de 1995⁴⁹, “Adoráveis pernas de pau” era o nome da matéria sobre o Limelight Soccer Models, time formado somente por garotas capas da *Revista Playboy*.

Limelight Soccer Models, idealizado por um dono de casa noturna, tinha como principal função participar de eventos esportivos e noturnos. Eram vendidos pacotes de 15 mil reais para dois dias destes eventos para empresários de cidades brasileiras. O evento contava com um jogo de futsal ou society e a participação das modelos em uma festa promovida pelo empresário local.

A matéria da revista, com quatro páginas, era sobre um destes eventos na cidade de Goiânia em que o Limelight perdeu, de 7 a 5, para o time Art Models. O enfoque da publicação se deu em fotos das modelos, propositalmente sensuais em ensaios fotográficos (Figura 16).

⁴⁹ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1109, novembro de 1995.



Figura 16 - Reportagem sobre o Limelight Soccer Models

Em fevereiro de 1996, os times de modelos, em especial Kaiser FutModels, voltam para as páginas da *Placar* na seção “O país do futebol” com uma comparação de remuneração entre os times profissionais x times de modelos. Enquanto uma empresa, a Paulo Bastos, de modelos, lucrava sozinha 40 mil reais por meio de eventos, o time do SAAD, Indaiatuba (SP), gastava isso para manter quatro categorias, sem nenhuma modelo em seu time. Isto mostra a diferença de realidade e remuneração para as jogadoras profissionais e para as jogadoras modelos.

No mês de agosto de 1996⁵⁰, os times de modelos voltam em cena na seção “O país do futebol” com fotos de mulheres seminuas, trocando de roupas e uma da partida final (Figura 17). Pequena matéria sobre a Copa Moinho Santo Antonio, competição de futebol de modelos, na cidade de São Paulo, em que a equipe do restaurante Banana Banana foi campeã, mas não levou a taça por inscrever jogadoras irregulares. Em competições de times de modelo, era vetada a participação de jogadoras federadas ou profissionais.

⁵⁰ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1118, agosto de 1996.



Figura 17 - Reportagem sobre time de modelo

A última exibição dos times de modelos na *Placar* foi em maio de 1998, também na seção “O país do futebol”, para relatar sobre a mudança no “MTV Rock e Gol”, torneio de futebol, realizado pela emissora MTV, entre bandas nacionais. No mês de maio, teria uma “gostosa novidade: times femininos” ⁵¹, as jogadoras modelos da Ford Models enfrentaram o time do Fluminense, com um placar de 6 x 0 para o clube carioca.

É notório que a prevalência midiática da modalidade de mulheres, na *Revista Placar*, se deu com reportagens com mais páginas sobre times de modelos e de jogadoras separadas de seus clubes. O estudo de Salvini e Marchi Junior (2007) comprova que a noticiabilidade, deste editorial *Futebol, Sexo e Rock and Roll*, ocorreu por meio da beleza das jogadoras ao invés das habilidades esportivas dentro de campo.

A revista não esconde que entende a modalidade como espaço para modelos e atrizes, ignorando o lado profissional que o futebol de mulheres já, de certa forma, se encontrava nas décadas de 1990. Pode-se comprovar em uma carta mandada por uma leitora, em que seu sonho era ser jogadora profissional do São Paulo e a *Placar* a responde, “Você já tem seu curso de

⁵¹ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1139, maio de 1998, p.40.

“modelo e atriz?”⁵², como se essas duas características já fossem suficientes para se tornar uma atleta. (Figura 18)



Figura 18 - Carta de leitora sobre seu sonho de jogar no time de São Paulo

Outra carta (Figura 19) que comprova este pensamento da *Placar* é a opinião de um leitor em que as mulheres, do futebol feminino, deveriam engraxar suas chuteiras e a *Placar*, apesar de uma resposta negativa, selecionou e postou este tipo de argumento em suas páginas, mostrando que de certa forma isto fazia parte da revista.



Figura 19 - Carta de um leitor sobre o futebol feminino

⁵² PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1126, abril de 1997, p.11.

Hoje, a partir das construções teóricas do feminismo desde 1970 sobre o conceito de gênero e a luta por igualdade entre homens e mulheres, pode-se observar, por uma ótica machista, como esta representação da *Placar* se mostrou como uma violência para os corpos das mulheres da época.

De maneira violenta porque as mulheres se submeteram a serem ilustradas desta forma e até confessar suas vidas íntimas para a *Revista*. Na reportagem de Março de 1997⁵³, em que as jogadoras entrevistadas (Susana Werner, Fernanda Chuquer, Priscila Ribeiro e Amanda Carreiro) foram questionadas sobre a sua vida sexual, especialmente sobre suas “estréias” na cama.

Entretanto, para as mulheres jogadoras dos anos 1990 faziam certo sentido ser representadas desta maneira. Para Adelman (2003):

[...] o esporte se torna uma grande oportunidade de ascensão social, mas o jogador ou a jogadora insere-se nele como ‘mais uma peça’ nesse complexo esportivo nacional e internacional [...] Nesse contexto, a realização da pessoa como atleta necessariamente se subordina à reprodução dos valores dominantes – valores que dizem respeito a gênero, corpo, ‘sucesso’, ‘nação’, entre outros. As jogadoras, portanto, permanecem muito mais presas do que as Amazonas as ambigüidades e ambivalências sobre esporte e feminilidade que imperam na sociedade brasileira atual. (p. 461)

Isabel Cristina de Araújo Nunes, a Bel, estampou “Deusa” em junho de 1995⁵⁴. e também capas da *Revista Playboy* e ao ser questionada por esta decisão, em uma entrevista para o *Projeto Garimpando Memórias*, afirmou que aceitou o convite para que o futebol pudesse mostrar seus talentos e porquê sua renda não era suficiente.

Quando eu estava com 17 anos eles já haviam me convidado, estava no Inter. Mas como eu era novinha não aceitei, mas depois quando eu estava com 29 anos eles convidaram novamente, foi uma experiência legal, foi bom até para o futebol feminino mostrar os seus talentos [...] Para viver do futebol feminino não dava. (NUNES, p.15, 2016)

⁵³ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1125, março de 1997.

⁵⁴ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1104, junho de 1995.

Portanto, certas jogadoras se submeteram a este tipo de entrevista e ilustração para conseguir notoriedade dentro da mídia esportiva e também para complementar sua renda, já que o que recebiam dos clubes era quase nada. Ademais, a ascensão social dentro do futebol faz com que elas se subordinam a este tipo de comportamento.

Já Daniela Alves, ex-meio campista da seleção brasileira durante 1999 a 2008, relata outra violência sofrida pelos veículos de mídia, o racismo. A atleta Dani denuncia que na década de 1990, para atrair patrocinadores, a modalidade contou com uma campanha de erotização de mulheres atletas e essa divulgação era feita por mulheres brancas, loiras de cabelo longo e magras e que “não se via mulheres negras, possivelmente porque não atendiam aos padrões estabelecidos” (MARTINS et al, 2021, p. 32)

Nenhuma das jogadoras, em “Deusa” ou em algum time de modelos retratada, era negra. As mulheres negras só foram representadas pela *Revista* por meio de reportagens com teor mais jornalístico, como Michael Jackson em Julho de 1996⁵⁵, ou com a seleção brasileira como pauta.

Martins et al (2021) narra uma publicação da *Placar* em 1983, nominada “A Bela... e as Feras” (p. 89), a bela, no singular, se referia a jogadora Bel, enquanto “as feras” eram mulheres negras, como Sara do Bangu. Esta dicotomia entre mulheres brancas e negras se prolonga até a edição de setembro de 1996, no debate sobre a saída das pioneiras do futebol feminino para a entrada das novas beldades

Esta mudança, para a revista, aconteceu pela classe social, visto que as veteranas são de “origem humilde” que “passaram a infância em favelas” e “aprenderam a jogar bola com os irmãos” e agora, as novas jogadoras são “patricinhas de classe média” que vinham das “escolinhas de futebol”, instaladas em bairros de classe média alta e possibilitou a entrada destas mulheres.

Além desta mudança, a beleza em campo é outro fator que se altera, “o que não se falta hoje é garota bonita jogando futebol”⁵⁶. Se “hoje” não falta garota é que em algum dia, faltou. E este dia, para a *Placar*, seria na

⁵⁵ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1117, julho de 1996.

⁵⁶ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1119, setembro de 1996, p.47.

época em que as mulheres negras periféricas ocupavam, em maioria, os espaços dentro de campo.

Nas páginas da *Placar* prevaleceu uma estética branca, já estabelecida na nossa sociedade. Para De Oliveira, De Araújo Pereira e Souza (2018), esta estética branca determinava, até a primeira metade do século XX, um padrão de beleza em quase todo mundo e fez com que qualquer estética que remetesse a negritude, fosse desvalorizada e ridicularizada.

O padrão de beleza e a boa aparência se estabeleceram pela ideia da política de branqueamento, que idealizou o branco como um padrão de beleza (DE OLIVEIRA, DE ARAÚJO PEREIRA, SOUZA, 2018, p. 2). Este padrão se deu pelo contexto histórico político, a colonização e a dominação sobre os não-brancos do planeta, que definiu a ideologia de um corpo branco perfeito, belo, inteligente e poderoso (DE CARVALHO, 2008)

Para De Carvalho (2008), a indústria de imagem se estabeleceu após a consolidação desta ideologia e do imaginário social racial, resultando em uma “hierarquia fenotípica centrada nos brancos europeus” (DE CARVALHO, 2008, p.9) por parte das fotografias e do mercado cinematográfico. Pode-se observar esta hierarquia fenotípica nos exemplares da *Placar* durante o editorial *Futebol, Sexo e Rock and Roll*.

Diante desta hierarquia, *Placar* selecionou as mulheres que iam representar o futebol e, por consequência, apagou a história das mulheres negras de suas páginas. Para Martins *et. al.* (2021), houve um embranquecimento na história do futebol de mulheres em que “embora a seleção brasileira contasse com atletas de renome internacional, como a jogadora Pretinha [...], a *Revista Placar*, em 1996, associava a prática de futebol feminino às modelos, loiras, esbeltas e de cabelos longos e lisos” (MARTINS ET AL, 2008, p. 90).

Portanto, o futebol de mulheres além de sofrer com a discriminação de gênero ao longo de toda sua trajetória, o racismo também ditou como esta história seria contada. Enquanto os leitores da *Placar* tinham conhecimento de toda a trajetória de Susana Werner, dentro de campo representando o

Fluminense ou na televisão como atriz na série *Malhação*, não tinham conhecimento de outras jogadoras de grande importância, como Sissi.

Sissi, Sisleide Lima do Amor, começou suas vivências com o futebol aos sete anos de idade com as cabeças de boneca que ganhavam de presente. Chegou a jogar pelo Grêmio, Radar, Bahia, SAAD, São Paulo, Palmeiras, Corinthians e Vasco no Brasil e passou até pelo Verona, na Itália. Na seleção brasileira feminina, foi artilheira no Mundial de 1995 e em 2000, recebeu a Bola de Prata da Adidas (GOELLNER, 2019).

As únicas notabilidades que *Placar* faz para Sissi são menções em reportagens sobre a seleção feminina⁵⁷ e sobre o São Paulo em Paulistanas⁵⁸. As fotos que a retratam (Figura 6) são minúsculas comparadas às de Susana, em “Deusa”.

Para Crenshaw (2002), as mulheres negras além de sofrerem pela opressão patriarcal, sofrem com a múltipla opressão da desigualdade racial e por consequência, possuem experiências de vida diferentes das mulheres brancas. Estas experiências são prejudicadas, historicamente, pelo racismo e ao compararmos com a vivência de mulheres brancas, se percebe um privilégio destas mulheres.

No estudo de Calheiro e Oliveira (2018), analisou-se a trajetória profissional de mulheres árbitras de futebol profissional no Brasil e se notou, a vantagem no número de mulheres brancas loiras na profissão em comparação a mulheres negras. Para os autores, tanto na busca por emprego, quanto pela busca pelo sucesso na carreira de árbitra, as mulheres brancas possuem privilégios em comparação às mulheres negras.

Ao aproximarmos este estudo a análise das matérias da *Placar*, nota-se este privilégio da mulher branca em relação à mulher negra. Enquanto as mulheres brancas estampam a capa da revista e a maioria de suas reportagens, as mulheres não brancas mal são representadas nas 19 reportagens sobre o futebol de mulheres na *Placar*.

Além do gênero e da raça serem formas de discriminação, no futebol feminino, identificadas nos exemplares analisados, a sexualidade se torna

⁵⁷ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1119, setembro de 1996.

⁵⁸ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1127, maio de 1997.

outra categoria de debate nas representações feitas da modalidade. No próximo item, será analisado como a heteronormatividade e a homossexualidade se tornaram pautas importantes na *Placar*.

3.3 “Histórias de homossexualismo no futebol feminino”

Além de “Deusa” e “O país do futebol”, “Comportamento” e “Sexo” eram outras seções específicas do editorial *Futebol, Sexo e Rock and Roll*. As duas seções eram caracterizadas por contar com “dicas” e “curiosidades” sobre sexo.

Na edição de março de 1997⁵⁹, uma reportagem mais jornalística com título “Cartão Vermelho” falava sobre a importância do uso do preservativo masculino, a “camisinha”, para prevenir a infecção pelo HIV. Entretanto, outra reportagem em maio de 1996⁶⁰ relata sobre “1 é pouco, 2 é bom” sobre experiências sexuais pessoais de jogadores com mais de uma parceira.

Independente do teor mais jornalístico ou de entretenimento, todos os conteúdos sobre sexo eram heteronormativos. A mudança para o editorial *Futebol, Sexo e Rock and Roll* já deixava explícito que o sexo se tornaria pauta nas páginas da *Placar*, entretanto não se torna claro qual relação sexual seria tratada, mas as relações homoafetivas não foram consideradas dentro destas seções.

Portanto, a revista entendia que todos os leitores, do sexo masculino, eram pessoas héteros e também descartam o interesse das mulheres, héteros, nesse assunto, uma vez que a perspectiva feminina no sexo não é levada em conta nesta categoria.

A heteronormatividade entendida como “sistema de organização da sociedade que pressupõe a heterossexualidade como normal e normativa diante de outras formas de vivência das sexualidades” (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO apud KESSLER, p. 47, 2020). Portanto, a *Placar* pautada nesta heteronormatividade exclui de suas páginas outras sexualidades daquela esperada do seu público alvo, a hétero.

⁵⁹ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1125, março de 1997.

⁶⁰ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1115, maio de 1996.

Outro ponto que cerca a heteronormatividade além da vivência sexual é a obrigatoriedade das pessoas aparentarem serem heterossexuais (KESSLER, 2020). A aparência heteronormativa se dá pelo discurso sobre o que é ser homem ou mulher na sociedade brasileira, em que certas características físicas são essenciais e naturais para cada gênero (GOELLNER, 2005).

Assim como o machismo e o racismo, a heteronormatividade também ditará uma hierarquia na representação de corpos (KESSLER, 2020). Portanto, ao analisarmos as reproduções predominantes na *Placar* das jogadoras sozinhas ou dos times de modelos, podemos também observar a heteronormatividade nas características esperadas em “ser mulher”: corpos magros, cabelos compridos e uso de maquiagem e outros adereços de beleza.

Além das características físicas, a sexualidade heteroafetiva também é esperada nestas mulheres jogadoras dentro e fora da *Placar*. Susana Werner, além de ser representada como atleta do Fluminense e atriz da Globo, diversas vezes foi mencionada como namorada, da época, de Ronaldinho fenômeno. Duas das 19 reportagens analisadas, sobre o futebol de mulheres, mencionaram exclusivamente a relação dos dois e como viagens para visitar o namorado, prejudicou Susana dentro de campo.

Entretanto, outras formas de sexualidade não foram mencionadas desta forma no editorial. O termo “homossexualismo” aparece na reportagem sobre a Seleção Brasileira Feminina em setembro de 1996⁶¹ e, apesar da palavra ser alterada para “homossexualidade” em 17 de maio de 1990, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) a retirou da Classificação Internacional de Doença (CID) na categoria 302, Desvio e Transtornos Sexuais (GONÇALVES, 2019).

A *Placar* não teve o cuidado e o respeito de deixar de tratar a homossexualidade como doença, reforçando o uso de um termo que estava modificado há cinco anos, desde 1990. Além disso, a homoafetividade sempre era uma pauta, na revista, de escândalo e perigo dentro do futebol de mulheres.

⁶¹ PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1119, setembro de 1996.

“Agora, além de superar os traumas de um passado recheado de histórias de homossexualismo, querem acabar com as fofocas do presente [...]”⁶² era o subtítulo da reportagem de setembro de 1996 (Figura 20). Estas histórias de homossexualismo foram mencionadas, na mesma reportagem, como “histórias da bola” em que a trajetória do futebol feminino mundial era narrada.



Figura 20 - Reportagem sobre os Jogos Olímpicos de 1996

Entretanto, nada foi mencionado sobre as mulheres dentro de campo, mas sim, uma perspectiva da sexualidade das jogadoras ao longo do tempo (Figura 21). Como o relacionamento da centroavante Verônica com a goleira, do time adversário, em 1983 e o relato do técnico, Ademar Júnior, sobre as meninas darem “muito mais trabalho do que os homens quando estão hospedados por ali (Granja Comary)” que “tomou uma atitude radical” e “ficava a madrugada inteira zanzando no corredor”⁶³

⁶² PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1119, setembro de 1996, p.46.

⁶³ IDEM, p.51.



Figura 21 - Quadro sobre curiosidades lésbicas ao longo da história do futebol feminino

A situação comparada ao dos homens se trata quando, na mesma época, os jogadores realizam encontros sexuais na Granja Comary no período de concentração pré-competição. Ao contrário das mulheres, nenhum funcionário da seleção ou da Granja controlava ou inibia tais eventos e para Pisani (2018):

Assim, nesse caso, a heteronormatividade apresenta-se como significativa para determinar quais condutas sexuais eram aceitas e permitidas (heterossexual dos homens) e quais não eram aceitas e, portanto, controladas (homossexual das mulheres). Essas últimas precisando de vigília constante por parte da comissão técnica a fim de evitar quaisquer demonstrações da sexualidade lésbica nos espaços de treino e jogo (p.9)

Nas páginas da *Placar*, especialmente nesta reportagem, a homossexualidade era algo do passado do futebol de mulheres que precisava ser superado e controlado. Entretanto, as fontes (GOELLNER, 2005; KESSLER, 2020; PISANI, 2018; MARTINS et al, 2021) entendem o futebol

como um espaço de transgressão do que foi esperado para as mulheres acerca de seus corpos e comportamentos.

Ademais, ao enfrentar esta heteronormatividade, as mulheres estão sujeitas a sofrerem preconceitos e outros efeitos de poder. Um deles é o apagamento das histórias de mulheres negras, como foi analisado, que além de não serem consideradas bonitas, eram mencionadas como sapatões por conta de seus cabelos curtos e muitas vezes, crespos (MARTINS *et. al.*, 2021).

Outras características associadas as sapatões e como consequência, as mulheres negras, são “meninas que trocaram as bonecas pela bola, que não usam saia, que não são vaidosas [...], têm cabelos curtos, não usam brincos, andam sem molejo nos quadris, se são mais caladas [...] (ALMEIDA, 2016, p.128)

Apesar da violência sofrida pela heteronormatividade, vinda das entidades esportivas e das mídias, estas mulheres transgressoras podiam se expressar, para além dos papéis de gênero e sexualidade, sem sofrer a mesma pressão midiática⁶⁴ que as mulheres performistas dos seus papéis “destinados”.

Pode se compreender esta transgressão de comportamento ao pensar o gênero como uma construção social em que a heteronormatividade se rompe para além deste pensamento do que ser homem ou mulher e se permite ser uma multiplicidade do que cada pólo pode ser (GOELLNER, 2005).

Portanto, mesmo com o apagamento de certas personagens, as jogadoras puderam ser mulher, em seu entendimento múltiplo, dentro e fora de campo, possibilitando também um espaço pioneiro para a expressão de orientações sexuais não normativas (KESSLER, 2020).

E para a representação de um futebol destas mulheres plurais, é importante ressaltar a mudança de terminologia de “futebol feminino” para “futebol de mulheres” nos últimos trabalhos científicos desta área e também nesta pesquisa. A pesquisadora Claudia Kessler em seus últimos trabalhos (2012; 2015) traz uma reflexão sobre o termo “feminino” carregar “referências

⁶⁴ Por uma óptica interseccional (CRENSHAW, 2002), estas mulheres ao não sofrerem com estas pressões midiáticas, também não foram noticiadas, ocasionando outras experiências comparadas às mulheres “femininas”. Isto influenciou, negativamente, no desenvolvimento de suas carreiras e também na modalidade em si.

ligadas à sexualidade e à feminilidade normativamente impostas (2012, p.241)” e para que outras feminilidades sejam incluídas e representadas na modalidade, surge a expressão “futebol de mulheres”.

Fica evidente que o futebol, representado pela *Placar*, não foi o de mulheres, em que diversos corpos e feminilidades ilustraram as reportagens. Mas sim, o “futebol feminino”, em que as mulheres que representavam, predominantemente, a modalidade na revista se encaixavam nesta feminilidade imposta, caracterizadas pelo tamanho de seus cabelos e de suas roupas.

Considerações Finais

Diante de toda a trajetória do futebol de mulheres aqui apresentada com todas as suas fases, faces, dificuldades, apagamentos, conquistas e personagens, pode-se notar que a *Revista Placar* não deu conta de abranger toda a complexidade que esta modalidade possui.

Não deu conta, primeiramente, por negligenciar a realidade vivida dentro de campo por parte das jogadoras negras que vieram da periferia e foram pioneiras em 1980, época tão recente após a Deliberação de Lei nº1/81. Preferiram, por uma lógica machista e capitalista, representar esta modalidade tão transgressora de uma forma racista e heteronormativa, não condizente com o cenário, de certa forma, glorioso da década de 1990 para as mulheres.

Ademais, os responsáveis, por grande parte das reportagens de todos os exemplares, eram editores-chefes homens e as poucas mulheres, ao longo do editorial, não ocupavam altos cargos. Esta falta de diversidade dentro da *Revista* refletia a ausência de pluralidade em suas páginas, representando o futebol de mulheres, quase sempre, com as mesmas personagens, como Susana Werner, e com as mesmas pautas: os times de modelos ou os fracassos da Seleção Feminina e outros times nacionais.

Se estabeleceu, ao longo do editorial, uma realidade reproduzida, por um padrão de beleza branco das jogadoras dentro de campo, com time de modelos ou individualmente, pelo fracasso em campeonatos internacionais da seleção brasileira feminina e pela afirmação de uma heteronormatividade para a modalidade no Brasil.

Diante disso, apenas em 2022, vinte e três anos após o último exemplar do editorial *Futebol, Sexo e Rock and Roll*, a *Revista Rozzeira: a mulher no futebol* foi idealizada, por mulheres, para ser referência em conteúdos relacionado ao futebol de mulheres, com material impresso e digital. O seu objetivo é se tornar um espaço confortável para que nos identifiquemos com o que é postado e ajudem a construir novas histórias sobre a mulher no futebol.

Ao contrário da *Placar*, o periódico conta com uma equipe de mulheres em quase todos os cargos e com todos os conteúdos do exemplar voltado, exclusivamente, para a modalidade em si ou para entrevistas com

jogadoras. Em seu primeiro exemplar, contou com a atleta Formiga como capa da revista e uma reportagem sobre o SAAD, time feminino pioneiro que nunca estampou as páginas da *Placar*. Em seu segundo exemplares, atletas do Corinthians ilustraram a capa como uma reedição do time masculino, capa da *Placar* em novembro de 1982.

“Valeu, meninas. E agora?” é o título da reportagem sobre a seleção feminina na *Placar* em 1996 e que evidenciava o fracasso e a possibilidade de interrupção da modalidade. De 1996 até aqui os estudos acadêmicos, em diversas áreas, proporcionaram maior entendimento de toda a profundidade do futebol de mulheres e agora, ele e toda as envolvidas (pesquisadoras, atletas, torcedoras, professoras, técnicas, jornalistas) podem desfrutar, finalmente, de uma produção e reprodução midiática, seja em material impresso ou digital, condizente a sua grandeza e complexidade, sem viver à sombra de reportagens pensadas por e para homens. É de extrema importância a continuidade de estudos voltados para o futebol de mulheres para que possamos pensar, juntas, em formas de construir e produzir outros futebolis além deste retratado pela *Placar*.

Referências

ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina?. In: **ANPOCS**, 1999, Caxambú. Programa e resumos do XXIII Encontro Nacional da ANPOCS, p. 45-45. 2003.

BARROS, José D.'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas—uma síntese metodológica. **Revista Portuguesa de História**, v. 52, p. 397-419, 2021.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 69-87, 2001.

BONFIM, Aira Fernandes. **Futebol Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol transmitida por mulheres da introdução à observação (1915-1941)**. Tese (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) - Fundação Getúlio Vargas. 2019.

BRASIL. DECRETO-LEI nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>> . Acesso em: 25 de abril 2023

CALHEIRO, Ineildes; OLIVEIRA, E. D. . INTERSECCIONALIDADE NO ESPORTE: REFLEXÕES SOBRE O ESTUDO COM AS ÁRBITRAS DE FUTEBOL E O MÉTODO CORPO-EXPERIÊNCIA. POIÉSIS - **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação (Unisul)**, v. 1, p. 34-57, 2018.

CASTELLANI FILHO, Lino. Educação Física no Brasil: A história que não se conta. - 19ªed.- Campinas, SP: Papyrus (Coleção Corpo & Motricidade), p.47-50, 2013.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, ano 10, p. 171-188, 2002.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio. **Notas em torno do significado social do futebol brasileiro**. **Revista Usp, Dossiê Futebol**. São Paulo, USP, n.22, 1994.

DE ALMEIDA, Caroline Soares; DE ALMEIDA, Thaís Rodrigues. “Deve ou não deve o football invadir os domínios das saias?”: histórias do futebol de mulheres no Brasil. **CSOnline-REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, n. 31, 2020.

DE CARVALHO, José Jorge. Racismo fenotípico e estéticas da segunda pele. 2008.

DE LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bessanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

DE OLIVEIRA, Crysia Mayara; DE ARAÚJO PEREIRA, Alisson Clebio; SOUZA, Juliana Fernanda Vieira. A quebra do padrão de beleza: a aceitação da mulher negra na sociedade. In: I Simpósio Internacional de Ensino e Culturas Afro-brasileiras e Lusitanas, Pau dos Ferros, 2018.

DOS SANTOS, Elane. Seleção Brasileira de Futebol Feminino em 1995. Museu do Futebol. Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/700313/>>. Acesso em 20. jun.2023.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n.50, p.315-328, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre.. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica. 1. ed. Ijuí: Editora Unijuí, v. 1000, p7-19, 2003.

GOELLNER, Simone Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fis. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**, n. 117, p. 31-38, 2018.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Sissi, a Imperatriz: entrevista com Sisleide Lima do Amor. FuLiA / UFMG, v. 4, p. 117, 2019.

GOELLNER, Silvana Vilodre; CABRAL, Juliana R. ; PEREIRA, Cenira S. ; BASTOS, Solange . **#PorOutroFutebol: Como foi jogar o primeiro mundial da FIFA**. Disponível em: <<https://ludopedio.org.br/como-foi-jogar-o-primeiro-mundial-da-fifa/>> 2021

GONÇALVES, ALEXANDRE OVIEDO. Religião, política e direitos sexuais: controvérsias públicas em torno da -cura gay-. **RELIGIÃO & SOCIEDADE**, v. 39, p. 175-199, 2019.

KESSLER, Cláudia Samuel. Se é futebol, é masculino?. Sociologias Plurais: **Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia**, v. 1, p. 240-254, 2012.

KESSLER, Cláudia Samuel. **FUTEBOL DE MULHERES: Mais que Barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015.

KESSLER, Cláudia Samuel. 'São tudo sapatão': Lesbianidades e heteronormatividade no futebol/futsal brasileiro. **REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DO LAZER**, v. 7, p. 45-62, 2020.

KFOURI, Juca. Carta ao Leitor. **Revista Placar**, São Paulo. nº1101, p. 5, 1995.

KFOURI, Juca. Esta página é minha. A outra é toda sua. *Revista Placar*, São Paulo, nº 1102, p.8, 1995.⁶⁵

LEAL, Daniel Felipe de Oliveira. **Noticiabilidades na Placar: a mutação dos valores-notícia em três décadas de cobertura do futebol de mulheres**. Tese (Mestrado em Comunicação) no Centro de Arte e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2020.

LEAL, Daniel; MESQUITA, Giovana Borges. A singularidade da cinquentenária Placar para o contexto histórico do jornalismo esportivo no Brasil. **Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo**, v. 10, n. 2, p. 18-33, 2021.

LIMA, Ananda Cristina dos Santos; PINHEIRO, Thais Gabrich Gueiros. “Deixa as garota brincar”: a resistência na prática do futebol feminino frente a sua proibição (1941-1965). **Aurora**. Niterói, v. 1, n. 1, p. 49-56, 2018.

MALAIÁ, João Manuel. Placar: 1970. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MELO, Victor Andrade de. (Org.). **O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil**. 1ed.Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 149-170, 2012.

MARTINS, Mariana Zuanetil; FERREIRA, W. O. ; SANTOS, K. R. ; DELARMELINA, G. B. . RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE NO FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL: o que tem de racismo nesse machismo?. In: Wagner Barbosa Matias; Pedro Fernando Avalone Athayde. (Org.). **Nas entrelinhas do futebol: espetáculo, gênero e formação**. 1ed.Curitiba: CRV, 2021, v. 1, p. 89-110.

MAUAD, Ana Maria. Sobre as imagens na história, um balanço de conceitos e perspectivas. **Revista Maracanan**, v. 12, n. 14, p. 33-48, 2016.

MESQUITA, Giovana Borges; LEAL, Daniel. O futebol de mulheres na revista Placar: da objetificação à redenção. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v. 18, p. 95-108, 2021.

MOURÃO, Ludmila.; MOREL, Marcia . As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n.2, p. 73-86, 2005.

NUNES, Isabel Cristina de Araújo. ISABEL CRISTINA DE ARAÚJO NUNES [BEL]. Entrevista concedida à Suellen dos Santos Ramos. Garimpando Memória, Centro de Memória do Esporte, 2016.

PEREIRA, Marcela Caroline ; PONTES, Felipe Simão ; FREITAS JUNIOR, Miguel Arcanjo . Às margens de uma revista esportiva: a seleção brasileira de futebol feminina nas páginas de Placar (1996). **REVISTA COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA (ONLINE)**, v. 14, p. 68-82, 2019.

PISANI, M. S.. Lesbianidades em campo: afetos e desejos entre jogadoras de futebol brasileiras. In: **Gustavo Santa Roza Saggese; Marisol Marini; Rocío Alonso Lorenzo; Júlio Assis Simões; Cristina Donza Cancela.. (Org.)**. Marcadores sociais da diferença: gênero, sexualidade, raça e classe em perspectiva antropológica. 1ed.São Paulo: Terceiro Nome. Editora Gramma,, 2018, v. 1, p. 1-351.

PISANI, MARIANE. Gênero: um conceito útil para a análise esportiva e futebolística. In: KESSLER, Claudia; COSTA, Leda; PISANI, Mariane. (Org.). **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. 1ed.Santa Maria: Editora UFSM, 2020, v. 1, p. 356-374.

PLACAR. **Perfil do Instagram**. Instagram: @revistaplcar. Disponível em: <<https://www.instagram.com/revistaplacar>>. Acesso em 20 jun. 2023.

ROCCO JUNIOR, Ary José; BELMONTE, Wagner Barge. Da informação ao entretenimento: análise do jornalismo esportivo brasileiro pela trajetória histórica da Revista Placar. In: **Anais XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, 2014, Vila Velha.

SALDANHA, Renato Machado; GOELLNER, Simone Vilodre. Futebol, sexo e rock and roll : o futebol moderno na revista placar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. São Paulo, v.35, n.2, p.281-296, 2013

SALDANHA, Renato Machado. Placar e a produção de uma representação do futebol moderno. Tese (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009.

SALVINI, Leila; MARCHI JUNIOR, Wanderley. Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990. **Movimento, [S. l.]**, v. 19, n. 1, p. 95–115, 2013.

SALVINI, Leila; MARCHI JUNIOR, Wanderley. Notoriedade Mundial e Visibilidade local: o Futebol Feminino na Revista Placar na década de 1990.

Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná, v.1, n.1, p.144-159, 2013.

SALVINI, Leila; MARCHI JUNIOR, Wanderley. REGISTROS DO FUTEBOL FEMININO NA REVISTA PLACAR: 30 ANOS DE HISTÓRIA. **Motrivivência (Florianópolis)**, v. 28, p. 99-113, 2016.

SCHATZ, Patrícia Volk et al. **A imprensa escrita entra em campo: relações entre política e futebol através da análise da revista Placar (1974-1982)**. Tese (Mestrado em História) na Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2015.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução de Guacira Lopes Louro, versão em francês. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SEM AUTORA. SAAD. **Revista Rozzeira**, Editora Seriguela, v.1, n.1, 2022.

SILVA, Diana Mendes Machado. Apontamentos para uma história social do futebol. In: **I Simpósio de Estudos Sobre Futebol. Futebol, Sociedade e Cultura: Pesquisas e Perspectivas**, 2010, São Paulo. I Simpósio de Estudos Sobre Futebol. Futebol, Sociedade e Cultura: Pesquisas e Perspectivas, 2010.

SILVA, Giovana Capucim. Futebol feminino: proibido para quem? Uma análise de duas reportagens sobre o futebol praticado por mulheres no período anterior a sua regulamentação como esporte.. In: **Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos, 2013**, Florianópolis. Anais do Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos, 2013.

SOARES DE ALMEIDA, Caroline. Belas e feras, nós e as masculinizadas: discursos, corporalidades e significações. In: Cláudia Samuel Kessler. (Org.). **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol**. 1ed.Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016, v. 1, p. 107-133

SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte** , v. 21, n. 1, p. 35-48, 2007.

Fontes

PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 738, 1984.

PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1102, Abril de 1995.

PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1103, Maio de 1995.

PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1104, Junho de 1995.

PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1106, Agosto de 1995.

PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1109, Novembro de 1995.

PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1111, Janeiro de 1996.

PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1112, Fevereiro de 1996.

PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1114, Abril de 1996.

PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1115, Maio de 1996.

PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1117, Julho de 1996.

PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1118, Agosto de 1996.

PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1119, Setembro de 1996.

PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1122, Dezembro de 1996.

PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1125, Março de 1997.

PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1126, Abril de 1997.

PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1127, Maio de 1997.

PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1132, Outubro de 1997.

PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1138, Abril de 1998.

PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1139, Maio de 1998.

PLACAR. São Paulo. Editora Abril, edição 1143, Setembro de 1998.